

052806/2005



L0000052811

Biblioteca Pública

PUBL

Valerio Santiago (Nascimento Moraes).

BAM
869.94

BIBLIOTHECA PÚBLICA

ESTADO DO MARANHÃO

Puxos e repuxos

(Polemica sustentada do «Correio da Tarde», pelo professor Nascimento Moraes contra Antonio Lobo e seus dirigidos que o aggrediram das ineditoriaes da «Pacotilha» e «Diario do Maranhão», sob o pseudonymo de G. Galliza.)

SÃO LUIZ DO MARANHÃO
TYPOGRAPHIA DO JORNAL DOS ARTISTAS
1910

BIBLIOTHECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO
DUAS PALAVRAS

Amigos de José do Nascimento Moraes, amigos e admiradores, que o bello intellectual negro os conta às centenas, na terra que ha um decennio lhe testemunha as fortes energias de escriptôr, resolveram enfeixar em volume os artigos que Nascimento escreveu, há mezes, em resposta às aggressões annonymas de não sabemos quantas meias duzias de homens de lettras, passados e repassados, Galiza incluzive, no banho lustral do baptismo das consagrações litterarias e não litterarias, profanas e não profanas.

Foi uma luta original essa a que o arrastaram! De um lado, a «fina flôr» da intellectualidade indigena, poétas e prosadôres, grammaticos e oradôres, jornalistas acabados, fidalgos da casa Mourisca, brancos da raça caucasea, a elite, o diabo; de outro—o moleque, como lhe chamavam, um quasi analphabeto, o negro ignorante...

A «Racotilha» e o «Diario», nas ineditoriaes, «já se vê», atacaram baixamente ao Nascimento, que respondia, sosinho, pelo «Correio da Tarde». A's primeiras escaramuças, os aggressôres acocoraram-se, vindo lhes em auxilio tôdos os cenaculos e academias da pseudo—Athenas de hoje. Viraram-se dezenas de armas contra o negro analphabeto, mas o negro, sosinho, aparou corajosamente os golpes, rindo-se, sem ligar a minima importancia à raiva dos «brancos». Roubando alguns minutos aos seus multiplos e complexos afazêres, escrevia artigos em cima da perna, e, à proporção que os traçava, os aggressôres fugiam da polemica, atirando pedradas no vencedor.

Por ullimo, suggestionados pela propria fraqueza, pois viram que de nada se viram as infamias, os doestos de que se auxiliavam, tentando enfrentalo, exigiram, a sua retirada da redacção do «Correio», e para que essa retirada se realizasse, lançaram mão de tôdos os meios.

Baldado esforço! Os proprietarios e directores do «Correio da Tarde» o sustentaram na redacção, oppondo-se à sua retirada, assim forçada pelos seus inimigos vencidos, que queriam gosar ao menos dessa pequenina victoria!

Cahiram cobertos de ridiculo. E' a victoria de um «negro» contra muitos «brancos» que vamos assinalar, com a publicação deste livro.

«e logo ESTRUGEM no ar CANTADAS pelas senhoras presentes as estrofes do «Engrossa...»

Taes expressões só por pilheria podem ser escriptas; porque estrofes que cantadas por senhoras «estrugem», só sendo pessimamente cantadas!

Mas estamos convencidos de que o redactor não quiz offender as senhoras. Não lóra elle ignorar o significado do verbo estrugar!...

«Findo o jantar, a banda de polcia tocou na popa do navio. As «danças» começaram».

As dansas? Quántas charangas tocavam ao mesmo tempo?

Ou o redactor quererá dizer que eram diferentes modos de dansar?

Começaram a dansar, começou o baile que a bordo se improvisou etc.

Ensinem o Galliza, sem perda tempo.

Na carta do sr. Lobo aos filhos de Tury-assú publicadã no mesmo dia em que sahiu a tal noticia:

«Todos nós egualmente, quando «defrontamos», a impor se às nossas energias, «uma tarefa...»

Defrontar com uma tarefa, é coisa que se escreva. O verbo é intransitivo. O objecto que pede, regido de preposição, é indirecto.

Mettam mais este pedacinho na cabeça do Galliza.

Ainda na mesma carta:

«E é assim, prestigiado pelo amparo forte da abnegada «solidariedade» moral dos seus patricios».

«Solidariedade abnegada!» E' asneira grossa, que um homem velho que se preze não escreve!

Uma solidariedade moral para ser abnegada é preciso que seja renunciada ou coisa que o valha!

Lobo está ficando com o miolo molle; é impossivel!

Ainda na carta de Lobo: «libertemo-lo das superfectações ampliadoras».

Hom'essa!

Superfectação significa—tudo o que é desnecessario por sobejo, excrescencia, redundancia.

Superfectações ampliadoras, é uma como—um homem grande alto, e outras congeneres.

Ainda na carta de Lobo: "O coração de "todos aquelles..."

"Todos" é um indefinido: "aquelles" um determinativo demonstrativo: e "todos aquelles" é a asneira que Lobo escreve, e nada mais.

Ainda na carta de Lobo: "O mito de Anthen é a corporificação fabulosa de uma verdade humana universal".

A verdade é humana e universal; o "mito" a "corporifica"; e a corporificação é "fabulosa".

O leitor não comprehendeu, nem nós, mas é o mesmo. O homenzinho é bombástico e era preciso principiar a carta com uma bomba!

Enfia a espada nelle, Galliza!

Tudo isto num só numero da "Pacotilha"! Imaginem na collecção!

Um dos nossos «amigos», o Luiz Vianna, escreveu no "Diario", sobtítulo "Bioscopio":

O PERIODO de ebulição que SE AFFIRMOU NO TEMPO do conselheiro João Franco e que não parou com a mudança de rei e a substituição do gabinete franquista de todos os outros" que se fóram succedendo, "evidencia" sobrejamente a instabilidade da vigente forma governativa".

Parece que é o caso do sujeito no plural e o verbo no singular!

E si não, é mixordia ainda peor.

Ainda no Bioscopio:

"A redondeza brutal do "não"!

Redondezá!

Si o duelista escrevesse "agudez", aspereza brutal de um não, estaríamos calados—Mas redondeza brutal! E' um achado pouco asseado que repelle o bom gesto e o bom senso!

Ainda no Bioscopio:

"O apodrecimento do regimen monarchico... é já hoje tão intenso".

"Apodrecimento intenso" de um regimen é asneira que as oíças do proprio Galliza repellem.

No artigo publicado na "Pacotilha"—O decreto de hontem—do referido Luiz:

"Nem comprehendendo o incomprehenssivel espirito..."

vendeu-«o» por trinta dinheiros, fez-se juiz e condemnou-«o» à morte!!!

O leitor examine as duas construções e me diga qual a mais elegante, qual a de pronuncia mais facil e bonita!

Agora umas vergastadas na espinha do professor:

A construção elliptica da nossa chronica assim se interra:

—«Fez-se Judas e elle o vendeu por trinta dinheiros, fez-se juiz, e elle o condemnou a morte».

Não é por consequinte o caso de que trata o Candido de Figueredo, que tambem nada diz de positivo que possa servir de esteio.

Luiz Vianna grita que erramos porque dissemos que Portugal é banhado de um lado pelo Atlantico! Entende o professor que, referindo-nos a lado, só poderia ser um dos lados do parallelogrammo que constitue a forma geometrica de Portugal!

Saiba a creaturinha torta de torto intellecto que nós não nos referimos ao lado da figura, sim ao lado geographico, ao lado occidental de Portugal que é justamente representado por dois lados da figura.

O olhar vesgo do normalista não o deixa divulgar bem as coisas.

Adiante.

«a porpóção que o «numero» de suas colonias se affirmaram». Luiz corrige asnaticamente.

Gripha, querendo significar que concordamos mal.

Conhecídisima a liberdade de construcção neste caso, e sobre elle não vale a pena discorrer.

Ensina Pacheco Junior, pag. 601:

«Hoje devemos dizer:—um dos mais rectos valores que existiram» e não existiu.

Escrevemos:—o numero de suas colonias se affirmaram, e não affirmou

O torto pensa com certeza que somos algum «barbaro» para empregarmos uma construcção do seculo XVII!

O torto perdeu a cabeça, porque depois de escrever tanta asneira, cita tres trêchos sem indicar os erros

que a sua obtusidade encontrou; e termina declarando que «adoptação» não existe nos dictionarios.

Si o torto soubesse derivação, muito que bem! Ignorante, é preciso que lhe citeemos um dictionario.

Abre o dictionario de frei Domingues, que encontrarás:

«Adoptação» —O mesmo que adopção, no sendo extensivo

Agora sim, o Luiz se convencerá de que a palavra existe

Mas os leitores querem ver umas reflexões budonicas, engradissimas? E' quando o torto procurando imitar o Lobo faz considerações philosophicas

Diliclem-se com estes pedaços do artigo—A justiça do dinamite—publicado na «Pacotilha»:

“Por outro lado, quem affirma que, mesmo CONSEGUIDO «o» ANSEIO SUPREMO dos revolucionorios, mesmo destruida no planeta a vida social, (?) TAL COMO agora ella se apresenta, quem nos affirma que a ORGANIZAÇÃO NACENTE se poderá aproveitar das formidaveis conquistas da sciencia, “acumuladas á custo durante o perpassar dos seculos e os entraves do fanatismo”?

Ninguém! Luizinho, ninguém!

Ninguém te affirmará o que perguntas porque ninguém comprehendeu tanta asneira junta,—tanta discordancia de sentido e nexo.

Ainda no mesmo artigo:

“ao mesmo immenso crime dos que o accorrentaram ao feudalismo há tanto suprimido”.

Perguntamos: como se pode acorrentar alguem a uma coisa que já se suprimiu?

No artigo—O reinado do vapor, do mesmo professor Vianna:

“invenção que veria RIR e dominar a temida instabilidade dos ventos”

Quem está rindo do professor Vianna é o publico.

“Rir alguma coisa” é forte gallizada; rir de alguma coisa, comprehende-se.

Ainda no mesmo artigo:

“Esperavam que appropriadas ás “grandes rotas”,

as novas naus “cercariam” as viagens longinquoas das “facilidades de pronta chegada e marcha continua”.

Deixando de parte as «naus ás grandes rotas que cercam viagens longinquoas—feia redundancia do marmanjo, disparate de bôbo, crave o leitor o olhar na «viagem continua». As naus nunca mais parariam, e teriamos então de observar um dos espectaculos mais assombrosos do mundo!

O professor queria dizer constante, frequente, continuado etc.

No artigo—«Os macacos»:

«E no entanto elles (os gorilhas) tinham o «direito de ser maus,

Novo direito é esse que ninguém conhece, mas que o professor Luiz Vianna descobriu, á força de estudos profundos.

Assim só o «sussurro molle» e a fanfarra que o Lobo declarou sentir e ouvir dentro da sua barriga. (Vide—Carteira de nm Neurasthenico).

Reconhecido esse direito a humanidade poderá limpar as mãos á parede.

Ainda nos «macacos» do professor Vianna:

«que—de resto—quase sempre os vencem».

De resto, professor! tenha ao menos o pudor de livrar se dos gallicismos.

De resto, não é expressão vernacula, fuja della como o diabo da cruz.

Ainda no mesmo artigo:

«Os homens primitivos a quem a civilisação e o orgulho della nascente não deram ainda “para se julgar” criações divinas».

Perguntamos: Quem julgar

Será—PARA ELLES SE JULGAR?

Ou— para elles se julgarem?

Todas as vezes que se pode trocar o infinito numa clausula com o verbo no subjunctivo, e ás vezes, no indicativo, é infinito pessoal.

Ora, para se julgar criações divinas—dá—para que elles se julguem criações divinas.

Aquelle—para que elle se julgar—é asneira que o professor Vianna deve evitar.

Amanhã, continuaremos a esmagar a lesma, e

reduziremos ás justas proporções as tolices que o professor Vianna escreveu hontem agachado por traz do nome do seu collega Galliza.

Tem paciencia Luiz, não há remedio senão chegares com o pêllo ás caricias deste rêlho crú.



BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

fabrica de «gomma elastica»; mas que saiba gram-matica, ou, pelo menos, o alphabeto, é coisa que nunca se disse. Temos mesmo lembrança de que o nosso padeiro, que é homem arguto, nos disse ter encontrado nas suas «bronicas» publicadas no «Diario», erros de dar com os quartos no chão.

O Tancredo que abra o Diccionario de Moraes o velho mestre da lingua, e leia, o que elle diz sobre o assumpto. Engula a licção, entupa-se, leve o diabo, mas não ensine ao pobre Luiz Torto, tão peluda sandice!

«Enroupando formas vernaculas».

Acha o Luiz Torto que não nas podemos enroupar.

E para que serve a rhetorica? Não será para vestir a palavra escripta ou fallada?

Quem não se poderà nunca mais enroupar é o Luiz Torto, que depois desta sova será obrigado a andar com o pello ao ar, afim de crear nova crosta.

Agora alguns cascudos no Luiz Torto.

Lê-se no seu artiga—«A Justiça do dinamite»:

«a população russa CURTE as «maiores oppressões do» PARAZITISMO corrompido».

«Curtir oppressões» é coisa que só diz quem torta tem a lingua. E depois é de quebrar ouvidos—oppressões de parazitismo!...

O parazitismo o que faz é depauperar, absorver forças etc.

Ainda no mesino artigo:

«Não há ali naquella extensa porção do globo, que ficou A' BEIRA da Europa, como um lago impuro».

Ora, Luiz Torto afirmar que a Russia fica «á beira» da Europa!

A Russia que occupa na Europa, uma extensão immensa, a metade da Europa, enfim!

Pois a Russia é que Luiz Torto tem a coragem de dizer que fica A' BEIRA da Europa!!!

Luiz Torto, disse a um amigo, a quem se queixou de ardeduras, que quem lhe dá lições na parte geographica, é um moço de nome Antonio Lopes, a quem os alumnos do Lyceu, chamam de «dr. Maravilha», porque o Lobo, que é terrivelmente atacado de collicas que lhe assaltam a logica, quando

a banda de musica, como um realejo infernal começa a roncar-lhe dentro da barriga, sempre que pode o indica para substituir a qualquer lente do Lyceu!!! Mas a qual quer lente!!! O "dr. Maravilha" foi quem lhe deu as notas que o Torto publicou ante-hontem e publicará hoje.

Este Antonio Lopes, verdadeira gloria morta, pendurou-se um dia numa arvore, lá num sitio de Vianna. Devora-lo-ia um maracajá, que passou faminto, si não fôra a intervenção do gorilha com quem Luiz Torto conversou sobre o DIREITO DE SER MAU!

Passou-lhe o maracajá a pata no rosto, e imprimiu-lhe aque aspecto sinistro de florestal, o gorilha e prestou-lhe as pernas que elle cuidadosamente encobre. Mas o susto que raspou, deixou-lhe aquella voz rouquenha de clarineta estragada, com a qual elle pronuncia—BIEN, classifica—«coordenada substantiva», corrige José Augusto Corrêa e chama Machado, So ero em miniatura, na convicção de que maltrata o mestre de todos nós.

No artigo—O primeiro "dreadnought":

"pelo ignivomo valor do Mnás Geraes".

E mais adiante:

"que desse modo, deixa reservado todo o ventre para ser occupado."

Deixando de parte a troca do "a" e'n vez de «o», que é um senão typographico perguntamos como é que se reserva um VENTRE PARA SER OCCUPADO?

Ainda no artigo—justiça do dinamite:

"a classe plebéa, a maioria incomparavel, está, na sua secular passividade, á vontade dos per-versos".

Luiz Torto si soubesse lêr por cima, e não tivesse o maxillar inferior tão fraco, quasi mandibula, escreveria assim:

"A classe plebéa, á mais incomparavel, está por sua secular passividade etc."

Ainda no mesmo, artigo:

"a nova humanidade não percorrerá".

Quantos humanidades ha para o torto professor?

Elle dá a ent n'er que o Tancredo lhe ensinou

que há uma nova e uma velha, porque o Tacredo não é desta, é da outra; ficou, por aposentadoria daquelle, a fazer "brônicas" enquanto os intellectuaes que se prezam fazem chronicas.

Amanhã cá estaremos.



IV.

O professor Luiz Vianna, fez hontem a sua profissão de fé, pela qual, nós e o publico, anciosamente esperavamos.

Num arreganho de idiota, derradeiro arranco de um espirito insulso, teeado á pilheria, Luiz Torto declarou-se vaqueiro l...

Si Luiz Torto ollaborasse neste jornal, tal declaração lhe valeria por uma despedida formal; que a imprensa não é campo de vaquejada, nem a sociedade culta que a alimenta e a admira pôde sêr ameaçada do maltrato do ferrão com que Luiz Torto se exime, actualmente nas ineditoriaes da «Pacotilha», para gaudio dos paladares extravagantes que dão a vida por estas descachidas e baixezas do character humano.

Mau vaqueiro deve sêr o Luiz Torto; falta-nos. é exacto, competencia para o julgar, neste officio com que elle se lisongeia, mas nos parece, pela linguagem que usa, pelo calão que esgrime, pela vernejadura que lhe poetisa o espirito, que Luiz Torto não era vaqueiro em S. Bento, nunca o foi, nem o será nunca, com aquella musculatura de «frango desmamado», com aquella corpulencia de ran, e aquelle thorax compri ido que mais se assemelha a foles de gaita portugueza: Luiz, segundo nos diz um filho de S. Bento, era aproveitado ali no varejo da valla, serviço que desempenhava com uma competencia lastimavel, o que lhe custou muito as orelhas e ao cucuruto. Desta ingratisima occupação lhe vieram dois males irremediaveis: 1. ficou com uma orelha mais alta do que a outra; se não nós enganamos, a esquerda lhe cresceu, enquanto a direita pareceu amesquinhar se.

2.—Com o ir à lama, constrangido pelo supapo do canoeiro que lhe não podia perdoar a ridicularia do todo, tomou gosto pelo tujuco e uah! o estar elle sempre com a bocca a rescender miasmas de beira de praia.

A natureza do lugar onde passou muitos annos de sua mocidade, pegou se-lhe a alma.

Sempre, que fala e escreve a gente tem a impressão de ouvir o marulho, e sentir o despejar de aguas lódosas, sujas, doentias, carregadas de folhas maderadas da vegetação, que, porque fermentassem à luz do sol, levantam um odôr acre e nauseabundo que, penetrando no organismo reage como vomitivos, causa tonturas, e produz febres de mau caracter.

Vejamos o que adianta:

Ainda os «Macacos»:

«Infelizmente, é desmedido o nosso orgulho e INCOMMENSURAVEL a nossa INGRATIDÃO».

Por conseguinte, podemos concluir que há uma ingratidão no professor Vianna que é commensuravel, isto é, que tem medida contum.

Com quem, ou com que, é que não sabemos.

Lobo que é incapaz de fazer uma conta de dividir não lhe pode dar algumas noções de grandeza incommensuraveis.

Ainda no mesmo artigo:

«Como subimos muito na escola zoologica, envergonhamo-nos da humildade de nossa origem e quizemos parecer-nos com divindade».

Que divindade? Pagan ao christão? Como se pode parecer COM A DIVINDADE?

Ainda no mesmo artigo:

«Renegamos os nossos antepassados, tal como um REI que tendo NACIDO PLEBEU, e tendo-se ELEVADO AO SOLIO REAL do seu paiz...»

O diabo que entenda isto:

Um «rei» que nasce plebeu? Não!

O homem nasce plebeu e depois se faz rei. «Rei» que se eleva ao «solio real»? Si o individuo é rei, já está elevado ao solo real! E vice-versa!

Ainda no mesmo artigo do Luiz Torto:

«O homem proclamou-se independente do resto dos animaes».

Em que anno seria essa proclamação? Para quem foi tal proclamação? E o homem dependia dos outros animaes? Em que?

Côm certeza foi o Lobo que lhe ensinou tantas asneiras, à guisa de philosophia da sciencia.

Ainda no mesmo artigo:

«Entretanto muita coisa tínhamos a aprender ainda com os nossos antepassados (gorilhas e orangotangos).

Leitor amigo e paciente! pergunta ao Luiz que nos poderia ensinar os gorilhas.

Que arte e que sciencia?

Si se pudesse ensinar sentimento, que sentimento nos poderiam elles ensinar?

Ou dar-se-á que nosso vaqueiro seja um gorilha?

Ainda no mesmo artigo:

«E no entanto ELLES tingam «o direito» de responder, de modo igual á odiosa guerra que a nossa especie LHE move».

Lhes move professor!

Ainda no mesmo artigo:

«vivo sentimento de sua «COLERA LEAL».

Colera leal? Que monstro será esse? Por ventura Luiz Torto quererá tomar gosto com o publico?

Cremos, porém, que não: é que o Torto confunde o Lobo com um primata!

Colera leal é a do Lobo que tem Leal no nome.

Ainda neste perigoso artigo:

«Os macacos, encurrados, expulsos, «insultados», começaram a sentir... a ameaça insolita e grosseira da «ingratidão dos homens».

Segundo Luiz Torto o macaco não devera estar no matto, mas na cidade, comendo comnosco á mesa, e constituindo familia e sociedade!

Cada vez mais nos convencemos de que este Luiz Torto já foi macaco, ou está virando macaco, com este rabo sem fim de parvoices que escreve!

O publico é que ainda não acertou dando-lhe bananas para a sua nutrição Bem que elle as pede.

Ainda no desgraçado artigo:

«esgares superfetados»

Luiz Torto não sabe apropriar os adjectivos, nem o mais.

Do mesmo modo que Lobo empregou «superfetações ampliadoras», elle empregou «esgares superfetados»! A «superfetação» é para elles uma especie de doce de côco, ou marmellada, em que se lambuzam e nstantemente.

Ainda no mesmíssimo artigo:

“Os homens selvagens da “America Central” (com vistas ao doutor Assis!) EM CONTACTO PERMANENTE COM OS MACACOS não se lembraram nunca de os afastar do lugar que de direito lhes compete NO PRIMEIRO GRAU DA ESCALA DA VIDA HUMANA!!!

Mas que coisas pelludas e tortas tu dizes!

Si Luiz Torto continuar a collaborar na «Pacotilha», incontestavelmente a aniquilará, depois de trinta annos de vida!

Pois Luiz Torto além de calumniar os pobres africanos, avançando que elles fazem coisas que nem sabem se existem, diz que o macaco gosa do primeiro LUGAR NA VIDA HUMANA! Porque Luiz Torto se julga menor que macaco, entende que todos os homens fazem tão pouca conta de si!

E com que penna, com que paixão, elle diz la-crimejando, todo papas, retercendo as lesmias dos olhos:

«Elles eram tudo e tudo lhe tiramos».

Mas que saudade dos macacos!...

E mais adiante:

«Reduzimo-lo ao captiveiro».

E' assombroso! Até então pensavam todos que os macacos eram livres nas suas matas. Luiz Torto, porém, vem ensinar-nos que tal não se dá! Affirma o imbecil que os macacos são nossos captivos!

Com certeza o feitor da fazenda é Luiz Torto!

Ainda no mesmo artigo:

«O homem fez correr terra a mentirosa lenda da maldade dos anthropoides tomaram-lhes o reino e fizeram lhe guerra!»

A que lenda se refere Luiz Torto? Mas o homem para o Torto não é originario do macaco, ou melhor a continuação do macaco?

Luiz Torto affirma outra coisa que ninguem sabia

Diz que o homem é rival do macaco!

E para que citar mais?

Não é Luiz Vianna um homem liquidado? Precisamos mais de citação para o demonstrar?

Luiz Torto corrigiu:

«que se representa para se «alcançarem» propinas».

Conhecidissima a questão do «se», a qual tem dois partidos fortes.

Quem redige—para se alcançar propinas—dá o propinas «se», como sujeito; quem escreve—para se alcançarem propinas—dá «propina» como sujeito, e o «se» como partícula apassivadora do verbo.

E esta é a primeira pá de terra.

Escreve o Torto:

«Os habitantes da terra participam da sua natureza imprimem-LHES os elementos preponderantes do meio».

(Lhes não, alvo Valerio: lhe). Luiz Torto está, effectivamente, com a moleira de «pernas» para o ar!

Porque razão collocar o pronome no singular, e não no plural?

Os elementos preponderantes (sujeito) imprimem-lhes, isto é nos habitantes da terra.

Que diabo de corrigenda fez o torto Luiz?

E' o arquejar de uma agonia horrivel. O professor já não tem boa vista, as funções cerebraes irregularissimas, fizeram que o pobre perdesse a razão que jaz envolta em nuvem.

A' sua cabeceira depositamos, para lhe servir de travesseiro, os insultos que nos atirou por conta do Lobo e do Assis.

Na paz do campo santo, para onde te levarão os teus piedosos amigos, amargarás, não o corroer dos vermes que destroem os cadaveres, mas o travo da angustia de tua fraqueza moral

Respeitando a tua familia que não é culpada dos teus desatinos, tenho o supremo goso de perdoarte, o que equivale a recalcar a gleba debaixo da qual intellectualmente apodreces.

E agora, que mais nada temos a vêr com o infeliz Luiz Macaco Torto, abequemos o grão mogol Antonio Lobo, o estimulador velhaco e matreiro dos Gallizas indeccrozos.

Amanhã—«Os novos athenienses».

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO PARANÁ

Antonio Bôbo veio, hontem, pelas ineditoriaes da «Pacottilha», defendendo as asneiras, as crâssissimas asneiras que escreveu, (abusando da boa fé do chefe da redacção) no noticiario d'aquella folha, à guisa de descriptivo marinho.

Chamemo-lo Antonio Bôbo. Nem vale a pena mudar-lhe o nome. Respeitemos a alcunha que lhe deu, o polemista do "Maranhão" que lhe fez analyse a «Carteira de um neurasthenico».

Quer Lobo, por forças, sustentar, que estrophes cantadas por senhoras estrugem! Nem mais nos lembravamos de semelhante calinada; que já a apontamos, há muito tempo.

Antonio cavou na livraria e qual naufrago trouxe este exêmplozinho de Latino Coelho: «os sons musicaes vibrantes e sonoros estrugem ao longe».

Ora, que semelhança! Pensará Lobo que sofremos da mioleira, a ponto de confundir alho com bugalho?

Compreende-se perfeitamente que sons musicaes estrujam ao longe, e todos os dias ouvimos o estrugir dos metaes de uma banda de musica. E assim mesmo, na opinião dos que entendem da arte, não é boa musica a que «estruge»

Mas que vozes de senhoras estrujam! isto é, atroem! quando dizem as estrofes de um hymno ou canção???

Pensará Lobo que hade eternamente viver a engulir? Pois o aconselhamos a respeitar as cinzas de Latino Coelho, que os seus labores não servem absolutamente para Lobo se justificar das bobagens que escreve!

Quer tambem justificar a phrase—«começaram as danças».

E grita o homem que «à prima facie» se comprehende o que elle escreveu—que as danças que constituiram o baile tiveram começo!!! Lobo quer dizer que começaram a dansar ao mesmo tempo, valsa, p lkás, etc! E isto..... «à prima facie».

Mas que explicação magnifica e "adoravel" dá do «esbôço de vagas!»

Si se desenvolvesse o esbôço, diz o philosopho, poderia tornar-se em grande onda!

Ainda desta vez não nos engulirás, meu velho manhoso!

Esbôço, explica o subtil, é primeiro delineamento de um desenho, mas o finório não disse que o esbôço já em si contem o todo que se há de aperfeiçoar; não disse propositadamente que «esbôço» já encerra as linhas geraes, e por isso serve de modelo!

Ligeiras ondulações, não são «esboços» de vagas, de qualquer maneira que se queira comprehendêr a phrase, porque em ligeiras ondulações não há, nem ao menos, uma ligeira idêa do que seja uma vaga, ou onda encapellada!

Não foste bem Lobo desta vez!

Quanto ao mar de leite, a asneira está justamente em achar que o mar é manso, e que nelle há os taes esboços de vagas!

Não era preciso que Lobo citasse Vieira e Herculano para justificar uma asneira que brada aos céus!

Lobo que os deixe em paz, na grandeza da sua correcção.

Achamos que o velhote perdeu optima occasião de ficar calado.

Grammatica não é discurso bombastico que se faz com gemma arabica. Grammatica não se inventa, nem se sophisma com facilidade. Quem não na estuda não na pode discutir, nem que consulte, de momento, Herculano e Latino.

Um conselho—quando citar as obras de Felinto Elysio, (Francisco Manoel do Nascimento) não se esqueça de citar a edição, sinão é o mesmo que não ter citado nada. E Lobo é muito capaz de possuir edição que não presta!

Agora, não podemos deixar de confessar que Lobo esteve feliz e delicado na sua defeza. Comprehende se que elle reconhecendo os erros passados emendou a mão, escrevendo hontem numa linguagem mais assejada. Tambem aquillo era influencia do Luiz Torto, de quem Lobo se viu livre, levando-o ao campo santo de suas cretínicas.

Turvar o que é claro, é um dos defeitos que Lobo nos dá ou que em nós reconhece.

Certamente, Lobo não mente; quanto a idéa de sua expressão—porque muitas vezes acontece que nem tudo que luz é circo.

Há muito logro nesta vida.

Ha aguas que nos parecem limpidas, mas que, quando se lhes tocam, o pó que assentou no fundo da vasilha sobe e enoja a gente!

Lobo, por exemplo, que parece um lymphá purissima aos olhos de todos, quando lhe tocamos, perturba-se completamente, e do fundo da sua sabença vêm á tona, annuclulos que a sciencia um dia classificará, ostras e escaramujos de uma philosophia mal nascida em seu cerebro, e uma chusma de corpusculos animados, de duvidosa natureza, que se engolem, que se devoram mutuamente, mas que muitas vezes enchem os seus trabalhos de innumerables buracos por onde se escapam os fiascos de sua erudição e por onde se introduzem os alfinetes que fazem gritar lá dentro os macaquinhos de sua «sabedoria»:

* *

Com dois puxos e alguns repuxos nós nos aliaviremos do «Novos athenienses».

A introdução colossal da obra, é um conjuncto de periodos quasi inintelligiveis que escapam mesmo ao racio nio.

Todas as vèzes que Lobo procura raciocinar sabe se simplesmente mal! Lobo é a negação do raciocinio, não tem methodo, nem habito de raciocinar, por falta de conhecimentos de mathematica que é a unica sciencia capaz de ensinar a um homem o raciocinar: e por isso quem não sabe mathematica jamais saberá logica!

Nessa introdução dos «novos athenienses» nota-se a falta de logica como provaremos em tempo opportuno, e além disso falta de uma coisinha a que chamam «probidade literaria»

Diz elle, a pg. 17:

«pois que o grande postulado bazico das sciencias que se propõem ao estudo integral dessas sociedades, é exactamente esse de que a realidade social é, como a natural, um producto de leis rigo-

rosas e precisas, fundamentalmente identicas, sejam quaes fôrem as modificações apparentes das suas traduções fenominaes.

Mas, perguntamos, quem formulou semelhante lei? Seria o Lobo? Elle não dá o pai da criança, de modo que, a quem não conhece a materia, parece que a lei foi formulada por Lobo!

Por «que não dizer o nome do scientista que a formulou? Porque occultar o nome do auctor, onde bebeu aquella lei, que elle teve a habilidade de enfeitar, para parecer novidade, ou fructos de suas cogitações?

Continuaremos ainda este paciente trabalho, porque o nosso intuito é mostrar mais uma vez ao publico, que Lobo é um quebrado, que reduzido a expressão mais simples dá «zero!»



VI

Um pequeno cavaco antes de continuarmos o esphacellamento de mais uma obra de Antonio Lobo.

Sujeitos que se dizem representantes das lêtras maranhenses, typos salientes, representativos da nova geração maranhense, como Luiz Torto o outros menos notaveis; professores particulares, ainda como Luiz Torto, e de estabelecimentos de nossa instrucção secundaria, ou com pretensões para isso. typos que se nomeiam jornalistas aggridem-nos pelas ineditoriaes da «Pacotilha», chamando-nos de negro!

Negro! eis ahi o insulto, a palavra com que elles pensam que nos esmagam, que nos reduzem a ultima expressão!

Que não diriam se fôssemos brancos da ilha, ou mesmo caboclo!

Negro! E' o grito de terror, de medo e de odio, é o grito do vencido, do nullo, do inhabilitado que não pode discutir e nem sabe fazer o que todo mundo sabe—insultar!

Negro! repetem tomados pela colera, possuidos da mais idiota indignação!

O dr. Luiz Domingues, benemerito governador deste Estado, que, dominado pela mais nobre idéa que um politico pode ter, que é dar á sua terra, á terra que hoje administra, uma instrucção publica exemplar, e á mocidade maranhense uma educação superior: o dr. Luiz Domingues que se declara protetor das lettras do seu torrão natalicio, e que, como tem provado, procura cercar-se dos intellectuaes que aqui vivem; o dr. Luiz Domingues, que, dirigido por salutaes principios de moral, alma verdadeiramente republicana, que acabou de dar a todos os seus patricios, uma das provas mais cabaes dos seus alevantados intuitos, e da inteireza da sua moral, passeando a carro aberto, por toda a cidade, com um deputado negro, dr. Monteiro Lopes, - o dr. Luiz Domingues agora vê, como discu-

têm pela imprensa moços que se apresentam como representantes das letras e que atiram ao professorado, e que se propõem a educar!!!

Estamos satisfeitißimos com esta amostra que deram do seu elevado preparo e grandeza intellectual e moral!

Na verdade, é digno de nota, que um homem talentoso e de muito saber escreva versos ameaçando de chicote, relho crú, etc. o adversario!!!...

Nada mais edificante, magestoso e eloquente, para quem brilha como estrella de primeira grandeza litteraria, para quem guia espiritos de moços inexperientes que lhe seguem as lições!!!...

* * *

Escreve Lobo, pag. 14, dos «Novos athenienses»:

«Para que o Genio pudesse ser encarado como o producto de solicitações imperiosas de dadas contingencias historicas, atravessadas pelos povos, em epochas criticas da sua vida nacional, seria indispensavel que a sua aparição se produzisse todas as vêze EM QUE taes solicitações se fizessem sentir, hipótese esta inteiramente desmentida pela consideração attenta e exata do passado humano civilizado».

Eis ahí uma affirmativa que Lobo não prova, uma proposição que elle não demonstra,

Lobo quando se faz philosopho e scientista tem magnificas tiradas.

Combatendo um livro de Agliberto Xavier, livro todo baseado em factos e experiencias, elle lhe oppõe dizeres e theorias de outros scientistas, esquecendo-se de que factos e experiencias só com factos e experiencias se destroem!

Quando philosopho tem affirmações empiricas, porque em seu abono não cita um facto que as demonstre

Si Lobo demonstrar este pedacinho de ouro que ahí ficou acima, não lhe chamaremos mais de Bôbo!

Pag. 15 do mesmo livro:

«epochas de plena expansão de todas as energias nacionaes e ONDE, portanto, a sua FUNÇÃO INCI-

TADORA seria totalmente INAPLICAVEL e INUTIL».

«Funcção incitadora» é coisa feia que, por decoro, não se escreve num livro! «Funcção inaplicavel», é asneira de contra-peso! Que monstro será uma funcção inaplicavel?

O que é inaplicavel pode estar em funcção?

Coste, sociologo francez, citado e traduzido por Lobo, diz que «uma nação poderá, pela sua elite, ser superior intellectualmente e, pela sua multidão, inferior socialmente».

Lobo diz, então:

«Encontrz. no Maranhão actual a mais irrefragavel das confirmações, a doutrina do ponderado e culto sociologo francez. »

Ora, o que se comprehende do que diz Coste, é que a multidão sendo inferior socialmente, a elite ta bem o é, apesar da sua superioridade intellectual que não importa a superioridade social.

Affirmando Lobo que no Maranhão se verifica o que diz Coste, affirma que o povo maranhense é inferior socialmente e que a «elite» tambem o é!

Para se saber quem foi que elle insultou basta que elle nos diga qual é a elite do Maranhão!!!

Pag. 9:

«cortejo de repercussões politico-sociaes», que de presente atravessa o paiz, «alia-se uma grande exhuberancia de vida ideologica».

Que exquisitice virá a ser um «cortejo de repercussões?»

Cortejo?!

Nem que se diga que Lobo escreveu o livresco em menos de 48 horas! E' um trabalho pensado, reflectido, e que devera ter sahido melhor.

Pag. 8:

«uma grande differenciação evolutiva».

Não sabemos si o leitor intelligente que nos lê, sabe o que se chama "differenciação evolutiva" De qualquer maneira, porém, não seria mau que Lobo viesse explicar-nos que coisa é essa que ella assim denomina

Pag 8:

«uma grande differenciação evolutiva para logo se oporou entre essas DUAS ORDENS de productos da actividade humana civilisada: os ideaes e os uti-

litarios, enveredando cada uma POR VIAS DISTINTAS, que, «se as vezes caminham» PARALELLAS, NOUTRAS SE ORIENTAM EM DIRECÇÕES DIAMETRALMENTE OPPOSTAS».

Deixando em paz as «ordens» que caminham por «vias», como mosquitos por cordas.

Aqui há um embrulho de mil demonios.

—Direções diametralmente oppostas—significa, direções perfeitamente oppostas. E' o Caldas Auleti, citado por Lobo, quem ensina isso e dá o exemplo: —climas diametralmente oppostos.

Sí a phrase—diametralmente oppostas—Lobo empregou com esta significação não se comprehende o—sí—uma vez... neutras—porque as rectas podem ser parallelas e consideradas em sentido contrario!

Mas Lobo pode dizer com a facilidade já conhecida com que elle empregou o adverbio, mas no sentido puramente «geométrico», no sentido de transversalmente—Mas neste caso não se sabe o emprego do—«se orientam!!!»

Acresce, porém, que o trecho resiste a mais simples analyse logica. Há ali uma fraqueza de construcção syntaxica que compromette os «creditos litterarios» de Lobo. Em lugar daquelles dois pontos, elle que faz questão de vírgulas, devera ter empregado o traço de união, pois assim o exigia o determinativo demonstrativo—«esses», erroneamente empregado, em lugar de estes.

E a pancadaria continuará a descer amanhã.



Lobo não se satisfaz com as asneiras que escreve: mente também! Mente para negar o valor intellectual de muitos e para se collocar em plano superior, o que velhacamente consegue, lançando sobre os que lhe podem borrar a pintura o veu do esquecimento.

Demonstrêmos.

Depois de notar o «Semanario Maranhense», e distinguir Sotero dos Reis, Souza Andrade, Marques Rodrigues e outros, escreve:

«Começou então, dara o Maranhão essa tristissima e caliginosa noite, em que por tão longo tempo, vivêram imersas as suas lêtras».

Purissima mentira! Tal não se deu. Ninguém sabe dessa «caliginosa noite», de que Lobo dá noticia. Mentira das mentiras! Não tivemos, e exacto, intellectuaes como Sotero, Gentil Braga e outros, mas a literatura não desapareceu completamente.

E' que Lobo por sua conveniencia deixou de citar muitos talentos que aqui floresceram. Deixou de notar a acção vigorosa de João Affonso do Nascimento, por exemplo, que trabalhou com denodo na chronica, chegando a publicar uma interessantissima revista «O Malho»; deixou de citar Sabbas da Costa, que escreveu alguns romances, e um drama de merecimento—O Bequimão—que foi representado no nosso «S. Luiz». Deixou de fallar em Auto Pereira que publicou um pçemeto de valor—«O Odolan», além de outros trabalhos. Deixou de citar Alfredo Galvão funcionario da alfandega, que publicou bellissimas poesias no «Diario do Maranhão», sendo para realçar—a Rosa do Vallado, que, pela sua graça e pelo seu mimo e delicadeza se popularisou, e ainda hoje é cantada em todo o Brazil. Deixou de citar Oscar Galvão que trabalhou brilhantemente na imprensa, publicando artigos vibrantes contra a escravidão, e Bayma do Lago que deixou inédito um livro de versos, que, em

parte, foram publicados no "Diário do Maranhão". Deixou de citar o preparadíssimo padre Fonseca que pela "Civilição" sustentou brilhante e celebrada polemica contra o maior vulto literário d'aquelle tempo, em todo o paiz—Tobias Barreto. Deixou de citar Euclýdes Faria que se distinguio pela satyra.

Escapou, mêmso, a Lobo, livro de versos—«Accordés», de Papillon Bleu, prefaciado por Manoel de Bêthencouri.

E assim, poderíamos citar, Hugo Barradas, Queiroz, e muitos outros que aqui floresceram e que Lobo propositadamente deixou escondidos na tal «noite caliginosa» que elle inventou para chegar ao fim que colimou no esbodegado livreco, escripto á guisa de subsidio para a historia do Maranhão!!!

Puríssima mentira!!!

A Pacifico Bessa elle chama no livreco poeta nas horas vagas! E no entanto é sabido que Bessa foi um dos melhores metrificadores que possuímos, e um poeta de valor que deixou inédito um esplendido livro de versos que ainda hoje existe em poder da família.

Mas eis ahi um pedaço digno de nota:

Lobo, preparando uma esplendida salada philosophica procurou dar ao Coelho Netto como a causa do levantamento literario que, segundo elle, se operou de 1899 para cá

Então explica que foi o talento superior do Netto que influ nciou no meio, e que essa influencia foi o sangue da vida nova.

Mas se os talentos influem de modo a levantar o meio literario do abatimento, não era preciso que o Coelho Netto nos visitasse. Tinhamos entre nós o Souza Andrade, e o proprio Bêthencourt que, bazeando-nos mesmo nas palavras com que Lobo os cumprimenta, não podia ser inferior ao do Netto, acrescento, pelo professorado, real influencia na mocidade maranhense, como Lobo attesta!

Dê passagem notemos este pedacinho de transcendental grammatica:

UM FATO occasionado no Maranhão, ha dez

annos, VEEM illustrar uma APPLICAÇÃO ESPECIAL de semelhante lei.

E mais adiante:

«E não se enganava esse alguém, na suas EMO-CIONADAS PREVISÕES».

Deve ser terrível!

E mais adiante:

«forças geradoras DA REPETIÇÃO MODIFICADA DOS MESMOS FENOMENOS».

Repetição modificada deve ser a ultima novidade do seculo passado e será com certeza o problema horroroso com que se occuparão os sabios dos seculos vindouros. Talvez que por causa dessa "repetição modificada" o mundo um dia se acabe!

Ainda mais:

Confessa Lobo que aqui existia um Damasceno Ferreira, «intelligencia superior, de largos e rasgados descortinos, servida por uma cultura profana, rarissima».

Elle confessa isto, mas entendeu que foi Coelho Netto quem impulsionei o meio com a sua intelligencia superior!!

Reparem que elle já citou duas intelligencias superiores daqui!

Mentira, purissima mentira!

Entra Lobo depois noutro capitulo mentiroso, no qual no qual nem de leve queremos tocar: tanto asco nos inspira!

Conta uma historia de onça sobre a fundação da «Officina dos Novos», com o maior descaro deste mundo, porque todos os rapazes desse tempo sabem que a «Officina dos Novos» nasceu de uma idea de João Quadros que nos convidou para escrever um jornal humoristico. Seu distincto irmão Costa Gomes foi quem nos lembrou que escrevessemos um jornalzinho literario, e foi assim que convidamos Astolpho Marques e Francisco Serra para fazermos uma sociedade de letras. E dahi nasceu a Officina dos Novos.

Mentira purissima mentira!

E com que descôco elle apresenta uma moxinifada tão mentirosa para subsidio da historia literaria do Maranhão!

Que pandego!

Nos dias que correm, ha mais quem escreva para jornaes, ha mais quem publique livros, com a mesma facilidade com que se bebe um copo d'agua, ou ainda mais facilmente. Isto ha, mas em compensação a maioria delles não presta. Tenha se em vista a «Carteira de um neurasthenico», que foi analysada e reanalysada pela imprensa, e quanto mais se analysava mais erros se descobria nella; tenha se em vista o livro «Positivismos e microbios», no qual Lobo se propõe a refutar com alheias theorias experiencias de Agliberto Xavier, que, sensato como é, e não querendo cahir no ridiculo, deixou apodrecer sem resposta.

Naquelle tempo, nós, Lobo, não nos animavamos a discutir pela imprensa da terra, nós, de vizeira erguida e tú de côcoras por traz do Galliza!

Naquelle tempo, o fallecido Luiz Torto, de saudosa memoria, não teria a coragem de escrever que o macaco tinha o primeiro degrau na vida humana, degrau que por direito lhe cabia!

Naquelle tempo ninguem se animava a ensinar lógica sem saber mathematica, e a mocidade aprendia mais porque Lobo ainda não se fizera seu mentor.

Passemos adiante.

Escreve Lobo, pag. 53:

«aquelles que, NAS SUAS ELABORAÇÕES METRICAS, andam exclusivamente guiados POR INTUITOS DESINTERESSADOS DE ARTE reagindo de accordo COM OS MATIZES CARACTERISTICOS DAS SUAS VARIADISSIMAS ORGANISAÇÕES ESTHETICAS, contra os ESTIMULOS EMOCIONAES».

O diabo é quem sabe o que elle quer dizer com esta pulhice gosmada a valer!

Comprehendemos agora porque o fallec do Luiz Torto, que se declarava discipulo de Lobo fazia aquelles embrulhos perigosos, chamando rei, plebeu; e rato, jacaré!

Lobo, quando a mentira lhe não satura o espirito, inventa tambem; e a infelicidade é a mesma que quando philosopha e mente!

Elle arranjou esta expressão:—«poetas literarios», são aquelles que nas suas elaborações metricas, etc.!!!

POETAS LITERARIOS que tem ELABORAÇÕES METRICAS, guiados por INTUITOS DE ARTE, reagindo contra as suas organizações estheticas !!!

Deus te ajude ! malvado, que não tivestes pejo de escrever tanta sandice numa folha de papel, que dá tanto trabalho a fazer ! Uma industria que deves auxiliar com alguns trabalhos de valor, assim tú insultas, homem desalmado, fazendo o papel portador desta coisa feia que ficou escancarada ahi, para a galhofa dos intelligentes, e para o teu desprestígio e achincalhamento intellectual.

Terminando esta sova de hoje, para nos collocarmos á altura do que Lobo escreveu, lembramos-lhes «que não estamos no tempo de maiores aquellas, para ligarmos em tempos de principalmente, nem tão somente por isso como por isso mesmo !»



III

Lobo a mais e mais se achata. No caminho em que vai, formulando quesitos, brevemente dará com o costado na pedra. Desconflamos do «colosso» quando formula quesitos. Amontôa disparates que é um regalo! Observamos-lhe, porém, o seguinte: —Que corrija o que acha que errado está; a defeza será comnosco. Se nos pode offender com as suas corrigendas, é tratar disso, mas que se deixe do ridiculo dos quesitos porque não está no nosso habito reponder a quesitos de ignorantes. O Lobo o que deve fazer é corrigir, é espichar-se mais uma vez, com as tolices que escreve quando se mette a conhecer grammatica.

E' por isso que anciosamente esperamos, porque gostamos de passar algumas horas a rir das tolices grammaticaes do «colosso». O finorio, que se não nos enganamos quer aprender um pedaço à nossa custa, tem mêdo de apontar claramente os erros, e formula quesitos!

Corrige, adoravel lorpa! Corrige que nós aqui estamos para levar-te o nariz «à belleza» que produzires!

E não percamos tempo.

Fala o homem no celebrado livro em dissidencia literaria, e então explica que um grupo de moços se desligou da Officina para formar «A Renascença Literaria», e diz mais que esses foram: I. Xavier de Carvalho, Nascimento Moraes, M. George Gronwell, Octavio Galvão, Rodrigues d'Assumpção, Leoncio Rodrigues, Leslie Tavares e Caetano de Souza.

Perguntamos:—que membros ficaram na Officina dos Novos? Tres, apenas: João Quadros, Astolpho Marquese Francisco Serra, porque todos, ao contacto de um estragado que chegava, e que Lobo sem nada ser na Officina, simples amigo e collega de Francisco Serra, queria impôr como a sabença das sabenças!

Ainda nisso Lobo mente com o maior descaro com que é possível mentir.

«Lobo e o mano» nada ensinaram a ninguem: a

verdade é esta! Não sabemos em que consistiu o trabalho, o esforço, a dedicação do «Lobo e do mano» para o reerguimento literario do Maranhão! O que Lobo queria fazer com a Officina dos Novos, e o que conseguiu depois, era um grupo de rapazes que o apoiasse, que lhe batesse palmas, que lhe glorificasse o nome e o do mano. Muita gente entrou pr'ali á murro. Quando mal esperava estava acceito socio, a representar um morto illustre! Muitos não ligavam importancia a coisa, mas outros, inexperientes, não tiveram remedio senão engrossar «os homens» com todas as veras

Lobo quer dar a entender que o renascimento literario do Maranhão se lhe deve porque foi elle quem promoveu festas ao nosso glorioso patricio Coelho Netto e quem aguentou aquo o «mano», que elle diz ter vindo para cá PARA O FIM DE CONHECER A TERRA QUE SE FAZIA REPRESENTAR NA LITERATURA BRAZILEIRA POR FIGURAS TÃO ELEVADAS!!!!

Nós sabemos, no entanto, que o homem veio desgarrado, depois de lavar sovas no Pará, no Amazonas, etc. etc. etc.

Ainda uma vez Lobo mente, sem o menor vexame, porque todos os maranhenses conhecem da vedade deste facto.

Foi para demonstrar que a elle e ao «mano» o Maranhão deve o seu reerguimento literario (Lobo está convencido de que o Maranhão se reergueu!) que elle inventou aquella «noite caliginosa» em cujas sombras deixou uma geração inteira! E isto—para subsidio da historia literaria do Maranhão!

Já é ter muita vontade de entrar de botas na posteridade!

De passagem, notemos:

«há muitos que entraram ainda na PHASE EMBRIONARIA DO PAGAMENTO DO IMPOSTO!!

E' uma lobada de primeira!

O homem acha que a phrase canta no seu ouvido, e não attende mais nada—escreve-a!

Mais adiante:

«exercitam o estro, ESPORADICAMENTE NAS HORAS VAGAS.

Passemos adiante. O homem entra nas apreciações. A primeira victima é o I. Xavier de Carvalho. E' engraçadissimo!

Quando I. Xavier de Carvalho publicou as *Missas Negras*, Lobo escreveu na «Revista do Norte», que o livro era uma joia. Depois, por ocasião de uma polemica com o poeta escreveu que as «*Missas Negras*» não prestavam e disse mais que as palavras de elogio que escrevera na Revista não passavam de um deboche ao livro do poeta! Nos novos athenenses elle diz que I. Xavier de Carvalho é uma ORGANISAÇÃO POETICA DE PRIMEIRA ORDEM, DE IDEALISAÇÃO E DE EXPRESSÃO EXTHETICA».

Mais adiante diz que si fosse critico teria a lamentar no poeta «O MALBARATO DE TÃO BELLOS REQUESITOS ARTISTICOS no cultivo do verso symbolista».

Entenda-se isto! Quem será capaz de dizer que sabe quando Lobo fala a verdade?

Ahi vai, porém, mais outra lobada:

«Os SIMBOLOS EMOTIVOS são os evocadores sentimentaes das EMOÇÕES EXTINGTAS.

Que diabo será isto?

Mas outra de primor:

“em que o poeta EXEMPLIFICOU-NOS.

Nem o desgraçado pronome escapou na matança do vernaculo!

Mais um exemplo de falta de nexo:

“Xavier de Carvalho é uma das mais preeminentes e bellas figuras da actual renascença literaria do Maranhão”.

Pois um poeta de “requesitos artísticos malbaratados” pode ser uma das mais bellas e preeminentes figuras de um renascimento literario? Não será isto uma prova da confusão que reina no espirito de Lobo? A' vistadisto, poderá alguém dizer serimente que Lobo raciocina?

A segun'a victima de sua critica é Ignacio Ríposo!

Béthencourt diz no prefacio das “Protophonias” e Lobo transcreve:

“Os versos não são, nem dum parnasiano, nem dum nephelibata.”

Tanto bastou para que Lobo escrevesse que os

versos de Ignacio Raposo “não se filiam a escola literaria de especie alguma”!

Donde se conclue que para Antonio Lobo só existem duas escolas--a parnasiana e a nepheli-bata!!

Não estará ainda nisso a falta de senso e raciocinio que cabalmente se demonstra haver no espirito de Lobo?

Faz-mos, hoje, ponto aqui; que nos faltou tempo para mais algumas tiras

Os nossos leitores, porém, não perderão nada lendo esse pouco. Amanhã, compensaremos a falta de hoje.

Terminando, uma coisa queremos lembrar a Lobo--é que o garoto que atira lama ao transeunte que passa perto da vaza em que elle brinca, muitas vezes não o consegue emporcalhar, mas é certo sujar as mãos no pantanal onde se atola.



IX

LOBO ainda se não animou a fazer as corrigendas, com as necessarias e precisas explicações. Sem estas mesmo! Esperavamos que ao menos os erros typographicos elle com a sua «enormidade» esmagasse! Pois nem isso! E' que elle teme espichar-se em explicações grammaticaes, e por isso entendeu que se escapulia pela tangente dos quesitos, queria submittêr-nos a um interrogatorio!

Hontem, na «Pacotilha», escreveu umas coisas desconexas, asperas, coberta de erros grosseiros, uma como «phantasia apagada» de uma imaginação que a mais e mais se apouca, e se amesquinha, minada pela traça da imbecilidade.

Lobo quanto mais se esmera no escrever, mais barbaridades commete.

No artigo de hontem, está.

«Mas, no espírito, se me «radicou» a convicção, «dia a dia mais arraigada...»

Vejam os leitores como aquella mioleira já anda! O Caldas, que elle cita de vez em vez, diz no seu dictionario:

Radicar--arraigar, enraizar.

Firmar, tornar mais forte.

Arreigar, o mesmo que arraigâr, firmar pela raiz, fazer duravel, permanente.

A' vista do que diz o Caldas, apreciem o tamanho da bocca que abriu Lobo, produzindo aquella phrase ridicula e sem resistencia vernacula, morta por si mesmo, com aquelle preterito perfeito que é como um punhal que lhe atravessaram na espinha.

Mais alguns exemplos.

«Travar conhecimento com este novo PARTO da literatura indigena».

Esta é de muita força! Fica sem commentario e não lhe queremos empanar os brilhos.

Outra belleza:

«estas palavras trazidas NA VOZ DO VENTO». Será alguma phrase classica, algum, pedaço de oiro vernaculo?

Palavras trazidas pelo vento, entende-se ! Palavras de outrem, «trazidas na voz» do vento ?

Lobo não nos poderá explicar a sua construção ?

Mais outra de primor:

«OU, se te apraz, ENSINA-LHE.

Creemos que Lobo devera construir:

«Ou», se te apraz, «lhe ensina».

E fim, Lobo que consulte o Candido que elle deturpa sempre que é possível e preciso.

E depois escreve:

«Tudo isso» eu «o» ouvi claramente.

Aquelle «o» pleonasticamente servindo de objecto directo ao lado de «tudo isso», é falta de senso do «colosso», porque não dá realce nenhum á phrase, nem belleza, nem elegancia. Lobo quer ser classico, nas horas vagas, mas si os lê, de nada lhe serve a leitura, por causa da sua já proverbial falta de nexo.

Outro exemplo:

«Porque eu sou uma gloria da minha raça: modestia á parte, um progenerado, UMA DESSAS CEREBRAÇÕES PRIVILEGIADAS, que só de raro em raro PODEM GERAR AS FORÇAS prodigiosas e longamente a cumuladas DA hereditariedade psichica».

Perguntamos, sem formular quesitos: são as cerebrações privilegiadas que geram as forças ou são as forças que geram as cerebrações ?

A construção syntactica, mal feita, deu lugar ao sentido ambigo da phrase...

Lobo diria melhor, si substituisse o—que por—os quaes; ou, então, si construísse:—de raro em raro geradas pelas forças etc..

Ainda há:

«na pátria gloriosa de Sotero dos Reis».

Lobo diria com mais acerto:—na GLORIOSA PATRIA de Sotero dos Reis.

Lobo já deve ter lido em Camões:

«Ditosa patria que tal filho teve».

Para quem não sabe grammatica as explicações assim são mais claras.

Ainda mais:

«Vai ser-te restituída a tua FORTE ALEGRIA de heroe».

FORTE ALEGRIA, de heroe no museu das lo.

badas, collocar-se-á ao lado da COLERA LEAL do fallecido Luiz Torto.

Tudo isto no artigo que hontem Lobo publicou na «Pacotilha»!

No do «Diario», Lobo pergunta tomado do raiva, ferido pelo despeito: Onde aprendeu? quem lhe ensinou?

Aprendemos no Lyceu Maranhense, onde fizemos os seguintes exames: Portuguez, Francez, Inglez, Allemão, Latin, Arithmetica, Algebra, Geometria, Trigonometria, Geographia geral, Geographia do Brazil e Cosmographia, Historia geral e do Brazil, Physica, Chimica e Historia natural, obtendo em todos elles, com excepção de dois, approvação plena!

O velho Lobo, porém, não poderá dizer o mesmo, porque o «colosso» nem conseguiu fazer o exame de arithmetica pelo que não se formou em direito como era desejo seu.

*
* *

Mas, deixemos os baixos e pequeninos insultos que Lobo nos dirige pelas ineditoriaes do «Diario», que não desceremos nunca a deprimir-nos com uma linguagem indigna de uma sociedade culta.

O velho decano da imprensa maranhense, transformado agora em «cofo de cisco», que se avenha com o seu collaborador, que talvez lhe faça perder algumas assignaturas, que ninguem está disposto a introduzir no seio da familia uma gazeta ensopada «daquillo», ou viciar o ar de miasmas pestilentos, e encantar o ouvido dos filhos com aquêlles palavrões que o Tancredo aprendeu na leitura de livrecos indecorosos e a Lobo ensina, muito de industria, para de todo o perder no conceito publico.

Nada mais falta a Lobo para o completar. Professor, ensina os discipulos brancos e despreza os negros, mulatos, carafuzes, etc. ! Diz mesmo aos discipulos que entre o branco e o negro há um abysmo imtransponivel; affirma-lhes que o negro é um condemnado, a quem se deve tratar com desprezo!

Na verdade, não pode haver educador da mocidade republicana que se lhe compare! Estamos

convencidos de que assim, elle preparará uma geração supimpa!

Jornalista, prega as mesmas idéas: julga que insulta o adversario lançando-lhe em rosto a côr, e não satisfeito, ameaça-o de surra de rêlho crú!

Edificante!...

Literato, mente, com o maior sangue frio possível. Mente por quantas juntas tem!

Continuemos a analyse dos «Novos athenienses».

Quando trata do Francisco Serra diz:

«Presidente da Officina dos Novos desde a sua fundação.»

Mentira, sempre mentira!

Fomos nós o primeiro presidente da «Officina dos Novos».

Ainda temos os primeiros numeros do jornal «Os Novos», pelos quaes os leitores poderão chegar á evidencia do quanto Lobo mente. Para enaltecer os serviços de Serra não é preciso mentir. Sabem todos que elle muito trabalhou, e que presidiu a «Officina», mas não é preciso avançar uma mentira cujo fim é fazer que o nosso nome não appareça!!! Vejam a preocupação! Vejam a pequenez do espirito tacanho do homem! O homem tem mesmo raiva de negro! Onde elle vê um negro, vê desde logo um inimigo a combater!! Fecham-se-lhe o espirito e a alma! Elle já disse uma vez que negro é moleque, e elle supporta um negro por... excesso de civilisação! E então, para esmagar os negros, elle conta um facto que se deu com o Prazeres de Freitas, no Theatro «S. Luiz»:

—E já vistes um negro pensar? perguntou o Paulo Duarte.

Lobo quando chega a este ponto, levanta-se, dá duas voltas, a rir. satisfeito, porque para elle a phrase de Paula Duarte é simplesmente esmagadora!... E repete:

—E já viste um negro pensar?

Mas que professor e que jornalista republicano é Lobo!

Passemos-lhes alguns bolos: Escreve Lobo, pag. 59:

«Si uma das grandes funções da poesia con-

siste, com effeito, em devolver-nos a realidade, realçadoramente transfigurada pela idealisação, de modo a exhibir-nos todas as riquezas e esplendores QUE ENCERRA e que no entanto nos escapariam, SI OS NAO FOSSE o poeta expulgar da ganga da vulgaridade MONOTA QUE OS reveste, COMO ESSA que nos minerios extrahidos da terra nos rouba a contemplação immediata das maravilhas que por dentro dos mesmos se occultam, ninguém se ostenta com direitos mais altos ao qualificativo de poeta etc.»

Quem terá a coragem de dizer que comprehendeu semelhante mixórdia?

Quem é que «encerra»? Poesia, realidade ou idealisação?

«Expulgar» o que? Aquelle—«os» a quem se refere?

Será possível que esplendores e riquezas estivessem mettidos na ganga da vulgaridade?

Mais adiante elle escreve um pedaço immortal:

«O seu verso (o do sr. Correa de Araujo) que ora se distende, numa ampliação magestosa e empolgante, ora se circumscreve e contrai como se assaltasse o recelo de deixar fugir—PELAS MALHAS LARGAS DAS SUAS METAPHORAS a idéa PRECISA que visa transmittir».

A idéa é «precisa», mas a metaphora tem cada malha, capaz de deixar passar um tubarão!!! Péla primeira vez lemos que as metaphoras são impres- tabilissimas rédes de pescar!!!

E depois elle escreve:

«numa ELASTICIDADE PLASTICA extraordinaria!!!

Elasticidade plastica!...

Está nos parecendo um palavrão de luvas! E' expressão que faz abaixar a fronte. Lobo já não respeita os seus leitores, e vai dizendo tudo que lhe bem parece!

Pois é preciso ter mais cuidado quando escrever livros de subsidios!

«Elasticidade plastica!»



X

Continuamos a tarefa a que estamos obrigados —desancar os «Novos athenienses».

Escreve Lobo:

«O verso altíloquo e magestoso, a velha moda de Hugo e Junqueiro... verso antiquado...»

Procure o leitor saber porque elle chama de antiquado o verso de Hugo e Junqueiro. E quando o souber, far-nos á um grande favor de nos mandar dizer.

E virando a pagina:

«Não há habitualmente nos seus versos, pre-occupações de escola, artificios rebuscados de forma, utilização systematica dos «recursos classicos de suggestão emccional».

Quaes são esses recursos? Lobo reúne palavras bonitas e cantantes, que nada significam e com ellas fecha o periodo—ficando o leitor a jejuar!

Quem quiser experimentar que lhe pergunte o que significa a phrase acima! Duvidamos que elle a saiba explicar!

Ainda mais:

«A coruja, porém, que pela primeira vez na vida, se via alvo d'aquelles carinhos e ainda mais, que tinha o ESTOMAGO A RECLAMAR EM ALTOS BERROS!

Eis ahí uma notavel descoberta: a coruja berra!

Engraçadíssimo quando elle diz:

«São declarações essas que se registam em reverencias á FIDELIDADE DOCUMENTARIA DE TRABALHOS COMO ESTE!»

Mas que grande pandego!

Tem a coragem de escrever que o livro tem fidelidade documentaria!!!

*
* *

Quando trata de Maranhão Sobrinho faz um em-brulho tal que nem o diabo com os seus poderes será capaz de desfazer.

Vejamos. Escreve Lobo:

«Não tem escola definida, porque as pratica a todas com brilho superior».

Na mesma pagina escreve:

«Quem ler os versos de Maranhão Sobrinho e conhecer nas suas GRANDES TONALIDADES DIRETRIZES

Como se entende isto?

Si o poeta não tem escola, não tem directrizes! O que se não comprehende é o poeta não ter escola e ter directrizes!

E sempre a mesma falta de nexo, a mesma ausencia de raciocinio!!...

Ainda outra:

«a semelhança de um regato OBSCURO de CLARAS aguas mansas»

Si Lobo escrevesse "obscuro regato", poder-se-ia comprehender—um regato desconhecido, em lugar ignorado, etc. Mas—"regato obscuro", quer dizer um regato de aguas turvas, de leite escuro, etc.

Assim, a expressão de Lobo é um contrasenso que bem merece umm reprimenda energica.

Ainda outra:

«Apenas enriquecer o seu espirito POR UMA CULTURA systematica».

«Enriquecer por» no sentido de possuir, ter, asneira que brada aos ceus!

Lobo diria bem: enriquecer de uma cultura, com ama cultura, etc. etc.

Ainda outro:

«para o terreno positivo da execução pratica»

Bastaria dizer:—para o terreno positivo da execução.

Aquelle "pratica" que elle collocou, ali é uma ridicula e feia redundancia que está muito longe de ser vernaculo.

Poderia tambem escrever:—para o terreno positivo da pratica, ou simplesmente—para o terreno da pratica,

Ainda outro:

«a nós outros, meridionaes incorrigiveis, fetchistas emperados da forma, para quem «a sonoridade de um adjectivo valerá mais do que a exactidão de um systema».

Pelo que vemos Lobo julga por si a todos os

meridionaes, e por isso acha que para os meridionaes a forma nada mais é que uma dessas bombas mal preparadas que elle atira impiedosamente sobre a multidão quando pensa que faz discursos!

Ainda outra:

«AS suas estrophes, na sua mór parte, deslizam naturaes e mansas, a traduzir-lhe sem esforço o pensamento, sem que, por tal, NO ENTANTO, desrespeitem etc.

Perfeitamente dispensavel o—no entanto—Nem há razão seria ou nao que levasse Lobo a colloca-lo ali... Só se deve empregar «no entanto», depois de algumas observações, da enumeração de factos, coisas, argumentos, etc.

Aquillo é uma excrescencia que Lobo não soube evitar, porque para elle, como já se viu, a forma é um adjectivo sonoro, ou qualquer coisa que lhe faça bem ao ouvido estragado.

E mais adiante:

«E no entanto, esse incorrigivel bohemio (Maranhão Schrinho) é um dos poetas mais assombrosos—cujo berço até hoje tem sido banhado pelo sol fecundo do Norte».

Esta clausula «cujo berço» etc., não é perfeitamente comprehensivel. O berço do poeta até hoje tem sido banhado pelo sol fecundo do Norte. Está claro que Lobo, ou Bobo, não se refere ao Maranhão, por que nos parece que Lobo apesar dos seus desmandos intellectuaes, ainda não se convenceu de que o Maranhão um dia mudará de lugar, e vá ficar pregado ao lado da Africa, onde os negros teriam a contrariedade de o devorar! Só assim, o berço do poeta deixará de ser banhado pelo sol fecundo, que o banha agora. Francamente é preciso que Lobo nos explique a metaphora que empregou, porque o sentido della escapou pelas tais malhas amplas e largas!

Ainda outra, pag. 76.

«Porque todas as suas produções RECOMMENDAM SE».

Lobo debería ter escripto:

—Se recommendam, por causa do porque—que está regendo a phrase.

Desta, meu bom velhote, nem o Candido de Figueiredo, com todos os seus poderes, te salvará.

Ainda na pag. 76:

«A nós, o que se nos afigura, é QUE Maranhão... DEIXOU-SE.

Repetição da asneira antecedente.

—Se deixou—por causa do que.

Até bem pouco tempo Lobo sabia isto. Com o ficar carregado de annos vai ficando carregado de erros. E' que o seu cerebro vai enfraquecendo, e as noções aprendidas na mocidade perdem o brilho e vão a pouco e pouco ficando no rol das coisas esquecidas.

Há pedaços verdadeiramente immortaes neste livro de Lobo. Ahi vai mais um que é de primeira grandeza:

«bem vivas andavam ainda, por dentro de todos os CEREBROS MOÇOS do Maranhão, “congenitamente” inclinados “A'S PRATICAS LITERARIAS!”

Por dentro de TODOS os “cerebros moços” do Maranhão!... Tens certeza disso? .. Mas os cerebros moços, são só os dos moços, ou podem ser tambem dos velhos?

E' muito seria esta questão da “idade do cerebro”, e a Lobo aconselhamos que tenha cuidado com a sua expressão, empregada no particular sentido em que a empregou.

Ainda há:

«AO NUMERO de todos esses escriptores, ainda UM GRUPO DE RAPAZES se vêem «incorporando».

Como um GRUPO se INCORPORA a um NÚMERO?

Ainda há:

«MERGULHAM na vida pratica, CORANDO muitas vezes, etc.

Mais adiante:

«Corando dessas passageiras e inoquas velleidades literarias».

Lobo se refere aos moços que deixam a carreira literaria.

E depois diz dos mesmos moços:

«porém semelhante deserção é digna de lastima, porque, a avaliar pela riqueza das amostras».

De modo que o moços têm velleidades literarias, e dão ao mesmo tempo ricas amostras de intelligencia !!!

Está maluco, não há duvida !

Mais abaixo diz que os taes grammaticos fazem polemicas pela imprensa ! Parece-nos que taes polemicas são documentos escriptos !!!

E pela mesma razão que Lobo colloca no seu livro rapazes que não têm obras publicadas e somente produções esparsas no jornal, os taes grammaticos que fazem polemica deviam estar lá !

Nós por exemplo, que não temos livro de versos publicado que só fazemos versos nas horas vagas, figuramos no capitulo dos poetas como autor de «vibrantes e inspirados versos!!!»

E assim muitos outros.

Nestas condições Lobo dá um attestado irrefutavel da sua desorganisação mental, do seu já conhecido maluquismo.

* * *

Escreve Lobo:

«E como toda a luta prolongada, que se não decidiu logo . »

Ora está claro que se uma luta é prolongada é porque não se decidiu logo !...

E' sempre assim o velhote !

Desconhece a lingua, no que ella tem de mais commum a analyse—escreve periodos sem sentidos. Convencido de que o bem escrever consiste em fazer phrases longas e retumbantes—escreve redundancias sem fim diz a mesma cousa, duas, tres, quatro vezes, si for possível ! Tudo que escreve é desencontrado, cheio de disparates ridiculos e tão extranhos que provocam o riso !

Quando elle trata de Maranhão Sobrinho, por exemplo, diz:

«E' romantico, é parnaziano e é symbolista, AO SABOR DA INSPIRAÇÃO de momento».

E' caso de perguntar a Antonio Lobo:—já viste inspiração ter sabor ? Achas que a inspiração é o que ? Uma fructa ah ! qualquer, um bolo, um bom bocado—delicia do paladar !

Mais adiante elle diz:

«ao SABOR DA MEMORIA !»

Querem ver os leitores uma phrase apalhada ?

«ESTUDO COMPARATIVO ENTRE SEUS MERITOS RESPECTIVOS!»

Redige assim o estudante que faz seu primeiro ensaio literario; mas semelhante construcção não está á altura de quem se apresenta como «chefe de uma intellectualidade!»

Apreciem agora estes «thezouros»: quando elle trata do Godofredo Vianna, diz ao terminar:

«A mim, PROFANO IMPENITENTE em semelhantes assumptos, apenas me cabe, etc.».

Antes, porém, escreveu sobre o inesmo talentoso intellectual:

«Para semelhante fim passa e substanciosa revista todos os principios estabelecidos e todas as praticas executadas na processualista brasileira, civil, criminal e commercial. A sua critica é ponderada e justa, conduzida com uma absoluta segurança. .»

Mas Lobo que, como já vimos, se declarou profano impenitente, pôde affirmar taes coisas? Saberá Lobo que rumo tomam as formulas processuaes?

Agora é tempo de assinalar mais um facto que vem demonstrar que Lobo não tem senso, que é um espirito sem raciocinio. Quando chegou á pag. 126 mencionou como prosadores maranhense o professor José Ribeiro do Amaral, dr. Justo Jansen Ferreira, dr. Antonio Baptista Barbosa de Godois, que sendo maiores de 40 annos, deviam ter ficado nas trevas da tal «noite caliginosa!!!»

«E? Lobo a desmentir Lobo! O muito mentir só poderia acabar assim!

O desejo que elle nutre, em vão, de erguer-se como o restaurador do nosso meio literario, não mede obstaculos, nem conhece peias! Lobo não pensa noutra cousa; vive para isso, pensa constantemente nisso, e para o conseguir sacrifica a verdade dos factos, inventa, mente, e a cada passo se contraria:

«Registemos mais um erro do «collosso» para terminarmos a sova de hoje:

«ONDE, a par de outros, DESTACAM-SE».

Lobo devera ter escripto—se destacam, respeitando o adverbio—conjunctivo—onde.

Amanhã continuaremos a autópsia, que hoje não temos tempo para dar mais alguns golpes no infeliz livreco de "subsídios" para a nossa história literaria.

Agora um pequeno cavaco:

Ha coisas ! Não quiz Antonio Lobo fechar a sua pasquineira de sabbado sem pregar uma das suas desconchavadas pêtas.

O velhote n'aquella linguagem moucosa é pulha que muito bem o retrata, insinúa uma certa influencia nesta folha affirmando que, si ainda não estamos «arrolhados» com «relação á sua pessoa», é porque assim ainda não o quiz !

Vejam só que descaramento do homem ! Esta declaração é a prova cabal do seu merito. Falla em arrolhar !

Está no conhecimento de todo o Maranhão, embora ainda não tenha vindo á imprensa, os meios indecorosos de que tem lançado mão, Antonio Lobo para nos afastar deste util e humanitario trabalho de o autópsiar, ao qual nos provocou mostrando ao publico a «causa mortis» de sua probidade e fama de homem de letras.

Antonio Lobo no desejo de calar-nos chegou até á este ridiculo expediente;—fez manhosamente vir ao nosso conhecimento que um ataque directo á sua pessoa representava outro indirecto á pessoa do nosso illustre e eminente amigo dr. Luiz Domingues e que, portanto, ERA UM ERRO POLITICO !

Vejam só o criterio desse homem !... Lobo quer atacar e não supporta que se o ataque !

Quanto a outra affirmação de Lobo a respeito «das pessoas que fomos obrigados a excluir dos nossos artigos», convem dizer que tal não se deu.

Demais, nada nos adiantará e nem ao publico, as referencias feitas a este ou aquelle quando se sabe agora que o unico responsavel pelos pasquins publicados contra nós, não é outro senão Antonio Lobo, o nosso inimigo de morte.

Entretanto, se alguém ensaiando importancia ou valimento contou alguma historia diferente

ô Lobo, desde já nos declaramos promptos a em-
pazella-la novamente com o decahido tribuno,
uma vez que Lobo lhe cite o nome e lhe garanta a
solidariedade nos pasquins que escreve.
Bem pode ser que Lobo ainda uma vez queira
intrigar; todavia, ahí fica o desafio.



XI

Na parte dos «Novos Athenienses». Os Prosa-
dores—Lobo procura defender-se das accusações
que lhe tem sido feitas de mal escrever a língua.
Mas ainda uma vez é um desastre a sua defeza, por-
que Lobo, na forma do louvavel costume, mente des-
caradamente.

Escreve o «colosso»:

«Sempre andaram aqui em lutas acirradas e
frequentes, os escriptores e os grammaticos».

Quaes os grammaticos do Maranhão? Quaes
foram elles, a não ser Sotero e dois ou tres inteile-
ctuaes do passado que publicaram grammaticas?

Não conhecemos.

Sotero fez uma bonita reputação e ainda hoje,
como tal é respeitado. Mas Sotero era tambem um
escritor distincto. Depois de Sotero têm apparecido
cultores de linguas, estudiosos de questões synta-
xicas, que pela imprensa em polemicas, discutem
este ou aquelle facto grammatical. O proprio Lobo
mais de uma vez tem sahido em campo a discutir
grammatica e com muita infelicidade, é exato, mas
tem sahido

Dahi, porém, a affirmar que há entre nós gram-
maticos, vai um abysmo! Domingos Machado e
José Augusto Correa, dois grandes conhecedores
da lingua, não são grammaticos. Candido de Figuei-
redo, que tem publicado tantos trabalhos sobre a
lingua, não é um grammatico. E' o proprio Can-
dido quem o diz, e não há quem mais zurza o pêllo
dos grammaticos que o Candido!

Lobo avançou, pois, mais uma mentira, com o
fim de justificar a exclusão no seu livreco de mui-
tos maranhenses de merecimento e para livrar-se
dos que lhe apontaram innumerados defeitos na
prosa.

Francamente, foi um esplendido recurso!

O melhor de tudo é que elle diz que o Maranhão
tem sido um viveiro de grammaticos de «todos os
callibres», deste Sotero dos Reis—«este sem duvida,

de merecimento real—até aos seus multiplos continuadores afuaes que para ahi andam de quando em vez a doutrinar dogmaticamente, pela imprensa diaria ou periodica sobre os preceitos e regras do bem escrever».

Ora, si OS QUE POR AHI ANDAM A DOUTRINAR são continuadores do Sotero dos Reis, está claro que são BONS GRAMMATICOS!!! Sem o que não se pode comprehender que sejam continuadores de Sotero!! O que não pode ser senão um disparate é Lobo dizer que os «continuadores» de Sotero são os que alimentam pela imprensa polemica OCIOSA E ESTERIL!!!!

E o velhote repete, com mêdo que se não tome a serio o seu livrinho:

«Está bem claro que só dos primeiros nos occuparemos aqui, pois que só esses é que merecerão figurar num DOCUMENTO DESTINADO A FORNECER SUBSIDIOS AOS HISTORIADORES FUTUROS ETC».

Mas que valioso subsidio de mentiras!

Depois escreve.

«E o desenho dos ultimos (typos do interior) impõe-se pela segurança dos traços, e PELO RELEVAMENTO INTENCIONAL DOS SEUS ÂNGULOS REPRESENTATIVOS»

Eis ahi outro pedaço sem sentido e incomprehensivel.

Continuando o seu methodo ou processo, ou melhor nome se lhe dê, affirma que o distincto «con-tuer» Viriato Corrêa, foi um dos fundadores da Officina dos Novos!!!

Para distinguir-se, não precisa o Viriato que se lhe attribua coisas que elle nunca fez. O peor é que o infeliz não tem remedio senão calar se e supportar a encommenda.

Mas agora nos acode outro argumento que nos parece valioso, e que mais uma vez vem demonstrar que Lobo não sabe o que diz.

Supponhamos que ahi existam os grammaticos de que Lobo com raiva fala.

Lobo declara que não cita esses grammaticos na sua obra, porque—ainda não produziram documentos escriptos que lhes confirmem titulos á inclusão em semelhante rôl, isto é, no rôl dos athenienses.

* * *

Lobo escreveu hontem nas Inedictoriaes do "Diario" uma porção de insultos grosseiros que lhe ficaram pregados nas mãos.

Como deve estar "cheirando" a estas horas!

Sabem todos que sempre vivemos do professorado particular; mas sabem todos que Lobo nunca trabalhou em sua vida!

No tempo de «alguem» mudando de rumo tecia-lhe encomios falando e escrevendo, mas quando lhe perguntavam se fallava serio, elle respondia com um sorriso de mofa:

—Não comprehendeste? Foi um deboche que lhe passei!

E no entanto, sabem todos que esse alguem fez tudo por Lobo.

Nem com o seu maior protector, como dizia nos seus discursos, sabe elle ser sincero!

Não se fartava de berrar na estreita tribuna que sempre occupou que a instrucção publica do Maranhão era uma verdade, tinha atingido ao ultimo grau de desenvolvimento; mas quando o dr. Luiz Domingues fez a reformado Lyceos, elle berrou pela "Pacotilha" num artigo de columna aberta que S. Exc. Dr. Luiz Domingues fôra o primeiro governador que pensara em dar aos maranhenses uma instrucção publica bem norteada!

Isto é que é nojentô, isto é que é deprimente! Este typo é que é o verdadeiro negro, o negro moral!

Amanhã, o dr. Luiz Domingues, sol no acaso, elle dirá ao novo governador, que nenhum governador trabalhara pela instrucção publica do Maranhão!

Sempre e sempre, a mesma insinceridade!

Sem convicções, ajoelha-se ante todos os chefes politicos porque os seus principios lhe dizem que politica é arte de saber transigir em tempo!

O Maranhão está cansado de presenciar os espectaculos de Lobo.

Intrigante, fomentou o diabo para que não entrassemos para a redacção deste jornal, mostrando-se até, num requinte de hypocrisia, interessado pela sorte desta folha.

Depois, vendo frustados dos esforços, exclamava que tínhamos apresado a nossa morte, que vinhamos cair neste posto, provar a nossa incompetência e nullidade. Porque a nossa figura lhe não é propícia, porque lhe borramos a pintura, porque lhe conhecemos o character, e não lhe reconhecemos essa pretendida superioridade que elle diz possuir. Lobo está sempre de espirito prevenido, acrescentando a circumstancia de votar aos negros um odio que não se acabará jamais!

Elle já disse: o negro—eis o inimigo!

Mas aqui estamos, como hontem. Firmes e impassiveis, abatendo-te a figura todas as vezes que contra nós investires com as tuas pequeninas intrigas, mostrando-te os erros, os disparates que escreveres, porque felizmente, para nossa segurança temos um governador firme de character energico e illustrado, homem de acção, de alta cultura e rica educação, que é a garantia de todos nós, homem sem preconceitos, nem prejuizos de raça.

Não valem os teus insultos, os doestos que atiras, porque quem está à frente da publica administração, tem o espirito bastante arguto para conhecer do valor dos homens e comprehender que tú não discutes, mas praeiramente insultas!



XII

Para torminarmos a analyse do «Novos Athenienses», e mostrarmos até onde chega o poder da mentira quando manejada por Antonio Lobo, para o fim de fazer-se «supremo» do nosso meio literario, sonho que um dia lhe passou pela mente, e que elle nunca deixou de embalar temos de dar algumas explicações que não virão fóra de proposito.

Há muito que Lobo, á falta de merecimento proprio que lhe a-segure justa nomeada anda á procura de uma aggremação de valcr intellectual que cresça por influxo dos seus membros, mas que receba, em destaque, obtido como por “engenhio e arte” a sua “personalidade collossal” e a conduza azas da fama á nomeada á gloria que é o do pobre chefe sem batalhão, general de batalhas nunca havidas.

Foi assim que elle procurou insinuar-se na «Officina dos Novos», que, incauta, coitada, o recebeu, sem prevenção, chegando mêsmo a dar-lhe uma certa consideração, porque já lhe devia naquêlle tempo o respeito que se dispensa aos que encanecem pela força dos annos.

Com a «Officina dos Novos» fez Lobo o que poudo para se engrandecer, até que, não dando mais resultado nenhum agradavel a abandonou! Os leitores bem sabem que há muito tempo já que os nossos jornaes não annunciam, nem noticiam sessões da Officina!

E’ que muitos moços que lhe eram partes a pouco e pouco se fóram afastando, conhecidos os segundos intuitos de Lobo que ficou prestigiado dos poucos que ainda hoje o cercam.

Perdidas as esperanças pelo lado dos «Novos», Lobo voltou-se para os velhos e convidou as classes ti uladas para uma reunião na Bibliotheca, e ahí propôz a creação de uma universidade com o pretexto de propagar a instrucção por meio de conferencias, e da qual elle seria o secretario per-

petuo, e era este o fim real da lembrança, pois Lobo precisava crescer aos olhos de alguém, quê, si bem que desejasse preencher-lhe os discursos laudatorios, contudo só o viu sempre pelo prisma da realidade.

A Universidade chegou a fazer duas ou tres conferencias, e a reunir uns cobres, mas o pessoal, vendo que só era ella buscada como meio de fazer escada para Nhonhô subir, foirareando até o dia em que o homem ficou só.

Passou Lobo algum tempo limitado aos seus proprios recursos até que ultimamente fundou a Academia Maranhense de que veio a ser o cacique. Fez reuniões na Bibliotheca Publica, onde afinal teve alguma coisa que fazer:—que elle, graças a Deus, passou por ali em brancas nuvens, como diria Octaviano.

Dessa Academia elle tirou algum proveito, não ha negar; mas alguns dos homens de valor que elle para lá arrumou, como Ignacio Carvaiho, Maranhão Sobrinho, que já lhe conheciam as manhas nunca tomaram a serio a corporação. Outros, bem intencionados, que elle metteu na «cuja», com o tempo conheceram que aquillo era mais um logro.

O desejo de Lobo era ser o presidente da Academia; como, porém, todos acompanhavam a encenação diziam isso mesmo, Lobo não teve remédio senão convidar o illustrado professor José Ribetto do Amaral para presidente da mesma.

Já neste tempo Lobo era apregoado pelo Galliza e outros que lhe vestem a pelle como o primeiro intelle tual do Norte; e, no uso dessas prerogativas quiz outra... (é bom conter o riso!) quiz entrar para a Academia Brasileira. Isto quer dizer que Lobo quiz pertencer a uma corporação a que pertencem Ruy Barbosa, Affonso Celso, Rio Branco e outros.

Embalado por essa doce illusão Lobo tratou de reunir os titulos de habilitação. Fez um pacotinho contendo o «Relatorio da Bibliotheca», a «Minha Carteira» «Microbios» e «Novos Athenienses».

Escudado em taes coisas lançou quixotesca-mente a sua candidatura.

Sabendo, porém, que bem exigiuo era o valor dos documentos, pôz em jôgo os manejos em que todos sabem ser elle versado

Toçou os feiticelros pausinhos, fez amizade com Dunshee, Coelho Netto, que podiam influir para a sua candidatura.

Os membros da Academia Brasileira, porém, não empregam em vão o tempo: a candidatura de Lobo e suas obras não mereceram as honras de uma discussão. Foi um desespêro para o homem, mas foi verdade!

Desilludido de ser bacharel em direito, porque não pôde completar o curso de preparatorios no Lyceu, á vista da sua negação para mathematica, quiz ser advogado apovisionado, o que não conseguiu também:—achou difficilimo o Teixeira de Freitas. Que horror de livros!

Nisto, ainda elle tinha segundos intuitos: seguir as pegadas do João Lisboa, que foi advogado apovisionado, no nosso fóro!..... Cremos até que, se o conseguisse, faria o jornal de—Timon—mirim!

Desenganado da perpetuidade de uma secretaria, queria ao menos ser membro da Academia Brasileira!

Ao menos!

Ultimamente, communicou a alguns amigos que quer legislar. Ser deputado federal é o sonho que lhe alimenta a vida! E porque não se contenta elle com uma cadeira á rua do Egypto?

E' que Lobo não é homem de meias medidas.

Disse-nos há dias, um amigo, que Lobo, como os peixes, só escorrega para cima, e disso deu provas inconcussas, por occasião da dualidade do governo neste Estado.

Não resistiremos ao desejo de comprovar a nossa asserção.

Terminava o governo do dr. Benedicto Leite, de cujo grupo fez parte Lobo, servindo como orador official de todos os banquetes, manifestações, comicios populares, enfim de todas as reuniões onde se elogiava o partido, ou se desencavam os adversarios. Lobo já tinha uma colleção de discursos para cada acto:—fanfarras canglorantes, perdi-

das a arrastarem chaves enferrujadas nos degraus das ruínas, sepulturas abertas, berços enfeitados, amigos do reino do Niwana, e outros bombachatas.

No governo do Estado estava o dr. Arthur Moreira de quem Lobo se acercou, arrastado pelos laços da íntima amizade, que então o começaram a apertar. O seu apoio ao novo governo foi também incondicional, e por palavras, pensamentos e obras; Lobo aguentou a situação, que por sua vez, e nem podia deixar de ser assim, o aguentou também.

Com a retirada do dr. Arthur Moreira, Lobo que era de casa, continuou apoiando também o coronel Mariano Lisboa, até que dado o conflicto, Lobo se achou pela primeira vez embaraçado!... Que fazer em semelhante emergência?

Lobo, porém, não é homem que se aparte nestas coisas. Declarou então, que, como «empregado publico» não podia deixar de reconhecer o governo do coronel Mariano Lisboa, ao passo que por outro lado, às vistas dos laços de sincera amizade, cooperava, de leve, com o dr. Arthur Moreira, para dar idéa de sua solidariedade!!!

Era uma como receita de medico:

De ambas as substancias—as—partes eguaes.

Vehiculo—quanto baste.

A um amigo que o interpellou, no largo do Carmo, defronte do Armazem de Machinas Teixeira, elle, com a physionomia que o caracteriza, respondeu promptamente com este verso admiravel—«entre les doux mon cœur balance».

Respondeu-lhe o prestimoso cidadão:—o facto de ser o homem um funcionario publico não é motivo para sacrificar a sua opinião individual.

Lobo ficou indeciso... Imaginarias doenças o prenderam em casa, até que chegou a solução.

Estavamos no Congresso.

A multidão era compacta. O coronel Americo Vesputio, finda a sessão que o elegeu presidente da Corporação, desce os degraus do estrado.

Lobo aproxima se lhe, faceiro e sorridente. Aperta lhe a mão e logo lhe dá um apertado abraço, acompanhado destas palavras:—Ainda agora, eu

estava dizendo ali a F. que apesar dos annos decorridos, e dos progressos da lingua, Sotero dos Reis ainda continúa a ser o primeiro grammatico brasileiro!!!!...

Espalha-se a noticia de que o conego Serejo vinha para ser eleito presidente do Congresso.

Eis Lobo em accção. Apresentou-se ao desumbarque do illustrado e digno sacerdote e só o deixou respirar quando soube que seria Frederico Figueira o presidente.

Eis ahi ligeiros traços da vida publica de Lobo. Todos os maranhenses sabem das verdades que aqui ficam exaradas. Todos! E para os que ainda teremos de publicar, damos ainda o mesmo testemunho.

Não inventamos, como o inditoso tribuno que sem recursos, diz que nos alugamos, que somos mau irmão!!!!

Felizmente, como já disse alguém, num artigo, vivemos numa terra tão pequena que todos nós nos conhecemos. Em todo caso, Lobo que esclareça o que diz, demonstre a nossa qualidade de mau irmão, e a nossa «venda».

Sem o que, será mais uma descabellada mentira!

O publico não te perdôa os desmandos; é inclemente e não tolera os apetites insaciaveis.

Amanhã, continuaremos com os «Novos Athenienses» e a arrancar-te a mascara impermeavel.



XIII

Mais um impulso, e acabemos com os «Novos Athenienses», livro inútil, sem valor de especie alguma, nem como documento de historia literaria do Maranhão, nem como modelo de linguagem.

Documento, é de principio ao fim, um acervo de mentiras; exemplar de estylo, é um lastimavel producção da inhabilidade do auctor como cabalmente demonstrámos, a esmo, innumerados erros e vicios de linguagem que em profusão se encontram no tal livreco, grosseiros disparates de syntaxe, impropriedade de adjectivos, phrases bombasticas, desconexas, sem sentido, vazias de idéa, falhas de regencia grammatical, periodos tortos, vêsgos, impazinados de uma rhetorica gongorica, nephelibata que caracteriza perfeitamente o espirito do escriptor.

Não há espirito reflectido, sensato, vasado nos segredos do vernaculo que não sinta repugnancia pelos trabalhos do que pretende ser, o primeiro intellectual do Norte, mesmo sem saber a grammatica portugueza, como já declarou pela imprensa, sem conhecer patavina do latim, que elle chama de lingua inutil e desprezivel; que, segundo o seu bestunto, não deve ser estudada por não trazer vantagem alguma ao preparo dos que se dedicam ás lètras!!!!.

Quando publicou «A Carteira de um neurasthenico» ficou provada a sua incapacidade de novelista. A critica rigorosa feita pelo importante organ da nossa imprensa, que foi «O Maranhão» o demonstrou; e o proprio Medeiros e Albuquerque na critica que lhe fez, o attesta.

O critico carioca diz mais ou menos isto:—«A Carteira» só se sabe que é de um neurasthenico, porque o proprio autor o diz no titulo!

Ora o livro cujo conteúdo não corresponde ao titulo, tem por isso um grave defeito, mostra em parte que o escriptor não sabe o que escreveu!

Tentando um ensaio de historia, com os «Novos Athenienses», o mesmo desdouro.

E esta opinião não é exclusivamente nossa. Soriano de Albuquerque com luvas de pellica, censurou a introdução, baseada na doutrina de Adolpho Coste. Jo o Affonso do Nascimento, brilhante escriptor maranhense, que escreve na «Folha do Norte» bellissimas chronicas condemnou com muita polidez num artigo a tal «noite caliginosa» inventada por Lobo que se fez aurora de um grande dia!

Humberto de Campos, que tambem foi incluído na mixórdia, elogiando por defferença o livreco, lastimou a falta de escrupulo do «historiador manqué» que aproveitou produções sem valor para enxertar a coisa.

Lobo, porém, pensa que ninguem sabelêr nesta terra, e quer a critica lhe favoreça o trabalho, quer não, vai elle tudo publicando como se fôsse elogio!

Publicou os «Microbios». Offereceu o pastelão ao dr. Oswaldo Cruz contando com uma larga recompensa que seria um elogio do Illustrado clinico

Esperava um—meu caro collega Antonio Lobo! E até hoje espera! . . . Atacou Agliberto Xavier, envergonhando o cultivo scientifico dos filhos desta terra. Mas a esperança que elle alimentava era uma replica do considerado scientista que, com certeza, o tomou por idiota e riu-se das tolices que elle escreveu; tolices que, em parte, já publicamos, quando da vez passada tivemos occasião de oppôr embargos ás suas ligeirêzas literarias. O resto brevemente traremos á publicidade.

Orador, é o que todos nós sabemos—Há poucos dias no Theatro S Luiz metteu os pés na memoria de Pedro I, e por occasião do monumento á memoria de Bequimão, na praia da Trindade, devido á iniciativa e ao patriotismo do illustrado governador deste Estado, dr Luiz Domingues—elle teve a audacia de dizer que ninguem se lembrava de Bequimão nesta terra, havendo, além do mais que há feito aqui para homenagear a memoria do notavel revolucionario, como provam os jórnaes da terra, uma loja maçonica que lhe tem o nome!

Até na tribuna o homem não perde occasião para mentir! . . .

Jornalista, que figura insignificante, que typo mesquinho e ridiculo! Nunca se bateu por uma idéa, nunca defendeu uma causa nobre ou pequena. Na imprensa politica, tem insultado covardemente os adversarios... mentimos! o colosso não é adversario de ninguem! Na imprensa politica, tem sido, como na tribuna, um abyssinio:—apedreja o sol no occaso e abençôa o sol no nascente.

Polemista, não tem a coragem de bater-se de frente, não levanta a viseira; mas matreiramente se esconde por traz de um Galliza qualquer, e traíçoeiro, em vez de esgrimir armas de cavalheiro,—joga pedradas e cusparadas no antagonista.

Uma vez só na vida tentou uma lucta aberta contra o poeta I. Xavier de Carvalho. Ferido por golpes repetidos, depois subjugado, nem ao menos soube cahir vencido:—na hora extrema, no desespero de feia agonia, mordeu raivôso um livro do poeta que lhe merecera antes rasgados elogios.

Nunca mais o colosso quiz saber de levantar a viseira!

Professor, não há, mas absolutamente não há um só rapaz que com elle aprendesse alguma coisa! Não há um que fôsse discipulo d'elle, que lhe deya algum conhecimento.

Com Antonio Lobo só podem aprender, os que d'elle se apercem, a estimar os livros de Eça como exemplos de vernaculidade, a aborrecer o estudo perfeito da lingua.

Critico, são duas as opiniões que tem. Assim, quando conversa diz que Sotero nada vale, (excepto quando o coronel Americo Reis foi governador): quando escreve, dispensa lhe algum merito e valor.

Mas é preciso não esquecer que Lobo pessimamente fará uma analyse lexica, e que não sabe analyse e lógica, que elle na sua alta competencia reputa de coiza inutil e sem valor.

Para bem escrever, diz elle, não se faz preciso saber analyse, nem grammatica. Basta lêr o Eça!

E' bem possível que elle agora mande lêr Vieira, com a mesma convicção com que manda lêr aquêlle outro escriptor.

Lobo sonhou dominar, para sempre o Maranhão. E o plano que elle traçou, um plano tódo ambição, tódo luzes, tódo cobiça, não podia sêr melhor.

O estatuto approved para a execução do plano contém as seguintes clausulas:

—Que Antonio seria considerado chefe de um grupo de literatos

Que esses literatos bradassem e escrevessem sêr elle o primeiro intellectual do Norte.

Que ninguem mais do grupo o chamaria Lobo, e sim Mestre.

Que a força ir-se-ia arrastando o resto para o tal grupo.

Que os que não tósssem por bem, deixariam lá o nome, e com isso mêsmo elles jogaria, com muito proveito.

Que o grupo se apoderaria dos jornaes da terra, o que constituiria uma ameaça para os governos.

Que Lobo prestigiado como Mestre da Companhia, ensaiadôr geral, ficava obrigado a empregar a tódos os membros da corporação.

Que isto ainda mais prestigio lhe daria, e seria ao mêsmo tempo estímulo para que os de fóra procurassem aproxima-se d'elle.

Que nestas circumstancias, collocado e dinheiroso o grupo ficaria em condições de batêr quem quer que fôsse, que o ouzasse atacar.

Que quem quizesse escrevêr na imprensa da terra teria de pedir licença a Antonio Lobo.

Que ficavam revogadas as disposições contrarias.

Antonio Lobo estava já convencido de que o seu plano seria por completo executado.

E não viesse para a frente da publica administração do Estado, um homem da tempera do dr. Luiz Domingues, intelligente, penetrante, carácter firme, franco e resolutu, espirito independente, que se não deixa empanar pela lisonja, e que está no firme e louvavel proposito de fazer justiça a tódos, aproveitando o valôr intellectual onde quer que elle se encontre, não viesse o dr. Luiz Domingues: e Lobo encontrando um espirito fraco já teria alcançado o seu inteiro desejo—estreita-lo num circulo de ferro, e como que subordinando o proprio

governo dar vida aos da sua corporação, e mort aos que, como nós, fogem ao aviltamento de o chamar de Mestre.

Estava muito bem preparada a peça. A nossa entrada para este jornal foi uma espinha que se atravessou na garganta do «colosso».

—Vai descobrir-me! pensou.

E' preciso, custe o que custar, arreda-lo daquelle posto que deve ser occupado por um dos nossos. ou então deve desaparecêr!

Porque é preciso dizer claramente que elle estava na certeza de que enganaria o governo do Estado, e de que o convenceria, de que intellectuaes no Maranhão só os da sua Associação!...

Até a este ponto vai o seu estulto pensar!

O—Novos Athenienses foi o começo do maravilhoso plano.

Lobo, autorizado por alguém, que elle bem deve conhecêr affirmou pela «Pacotilha» que tínhamos sido «arrolhados» quanto aos nomes que eram aqui vergastados em sua companhia, excepção feita do Luiz Totto que foi enterrado.

Auctorisado ainda por esse alguém, Lobo asseverou mais que tinha elemento bastante neste jornal para nos fazer calar por completo, principalmente quanto á sua «respeitabilissima pessoa».

Desfazendo então estas mentiras, dissemos que Lobo tinha manhosamente conseguido chegar ao nosso conhecimento que um ataque á sua pessoa representava «um grave erro politico!»

Dissemos isto, e agora susten'aremos a nossa declaração por ser inteiramente verdadeira.

Mas Lobo, pela «Pacotilha» de hontem, nos pergunta o nome da pessoa que trouxe ao nosso conhecimento tal «infamia».

HOMESSA!

Quem disse a Lobo que elle tinha força aqui para nos calar?

Quem foi que induziu Lobo a declarar que tínhamos sido arrolhados quanto aos nomes que aqui fôram citados?

Quem foi?

Lobo bem o sobe

Poi bem foi essa a mesma pessoa que nos trouxe a sua declaração, a tal «do erro politico».

Agora uma resposta necessaria:

Lobo escreveu hontem, que o sr. Corrêa de Araujo, corrigiu-nos o soneto que sahio no tal livro, soneto que o sr. Corrêa foi pedir-nos á nossa casa.

Foi o primeiro insulto que Lobo nos atirou, porque mais ignorante do que o sr. Corrêa não há em todo o universo! É um poeta que Lobo estragou, pois o sr. Corrêa não sabe nem o que é—syllaba-tu. E tão lastimavel o seu preparo que nem o francêz, que é tão corriqueiro, elle traduz! Nunca cursou um estabelecimento de instrução secundaria, e não affirmamos que elle tenha exame primario.

Por conseguinte um homem se deve sentir profundamente insultado quando se lhe disser que o sr. Corrêa lhe corrigiu alguma coisa!

É a maior vergonha que pode pezar sobre um caracter.

Este sr. Corrêa, que chama Lobo de MESTRE publicou o seu primeiro livro «Harpas de Fogo» com um prefacio nosso!

Porahi vê o leitor que se havia quem corrigisse versos não era o sr. Corrêa, mas nós! E mais do nós corrigiu o L. Xavier de Carvalho! Pois a tal coisa era de tal forma que ainda assim sahio errada! Nesse tempo o Correa não conhecia Lobo que o chamava de «caboclo beicola!»

Depois que este Corrê se metteu com Lobo, ainda nos procurou para TIRARMOS A ULTIMA PROVA DO «EVANGELHO DE MOÇO», e fazer-nos a errata, apesar de não sermos dos melhores revisores!

Este livro de provas AINDA SE ACHA EM NOSSO PODER E FICA NESTA REDACÇÃO A' DISPOSIÇÃO DO PUBLICO.

Hoje o sr. Corrêa faz versos e zando ferir-nos e manda Lobo dizer .. que nos corrigiu um soneto!



XIV

Lobo não tapou os buracos que abrimos na sua reputação literaria. Não tapou os rombos que lhe abrimos na clamyde doirada de confortavel lisonja com que publicamente se apresentava, a fingir de principe sem sangue, fidalgo sem pergaminho, consul das lêtras maranhenses, sem um acto seu que lhe lhe justificasse o titulo e lhe desse o respeito de que elle se quiz cercar.

Rompemos lhe a coiraça de politico com que elle procura impôr-se no conceito publico, descozemos-lhe as orelhas, descrevendo a trajectory de suas espertezas de partidario de conveniencia e amigo do prato, assignalando os marcos de sua queda moral e abrindo no quadro de sua pequenez linhas que lhe mostram a configuração monstruosa do character.

Lobo não se defendeu, e jamais se defenderá, porque o que escrevemos não foi producto vaporoso da imaginação.

Escrevemos factos conhecidos de todos os maranhenses que seguem com interesse a nossa vida politico-social e que lêem e sabem das calinadas sem conta do «afamado, do extracrdinario escriptor de bobagens».

E os que não tiveram a infellicidade de o lêr, ficaram sabendo pelos especimens que apresentamos, bonitos e soberbos especimens de asneiras, que Lobo erra como os que erram mais, e que o mas que por ahí anda á guisa de valor, não passa de um formidavel logro, verdadeiro conto de vigario magistralmente passado para o fim de illudir os homens de boa fé, os sinceros, os serios, que difficilmente acreditam que haja um individuo capaz de querer passar com capacidade, sendo uma deformada mediocridade, ou menos que isso!

Intellectual como Lobo, general de letras é sem uma victoria, sem um gilvaz glorioso que lhe recorde um triumpho, sem possuir um trabalho literario de real merecimento, sem um livro que lhe

atteste a grandeza da intelligencia, o pr fundo saber que elle presume; mas auctor de livrecos que valem por um certificado de desmoralisação, como irrefutavelmente demonstramos' deve a gente collocar numa nova galeria de grotescos, á semelhança daquelle que o genio, o espirito immortal de Theophilo Gautier creou para grandeza, renome e justa critica da literatura franceza.

Mais que Lobo, muito mais, foi o bravo, o popular, o canglorosamente festejado Cyrano de Bergerac. Na sua epocha grangeou tal renome, fez tantas diabruras que obumbrou a figuras mais tortes e robustas da literatura franceza!

Cyrano, era realmente superior a Lobo. tinha, de facto qualidades mais apreciaveis que o nosso Timon mirim. Era um cavalheiro a quem as sociedades adoravam, mêmso com a sua espada, com o seu nariz e com as suas conquistas. Fez uma reputação e venceu o presente.

A critica veio depois e abateu-lhe a figura derribou-lhe a estatua, e apontou-lhe com dedo implacavel os defeitos dos versos, a extravagancia das suas composições. A critica que veio depois apagou a imponencia do literario, transformou-o em ridiculo e fez de sua memoria um medalhão que ornará para sempre a literatura do seu paiz.

Theophilo imprimiu-lhe no tódo marcial e poetico expressão immorredoiira do ridiculo; e Edmond Rostand, eternizou-lhe o nome, fazendo á sua custa uma reputação, na Posteridade, mau grado o insuccesso do Chantelair!

Lobo, porém, nem resistiu a critica do presente; cahiu ás primeiras lançadas da censura, romperam-se-lhe paginas das obras com que procurou entrar na Academia Brasileira, velleidade academica que nunca prendeu o espirito de Cyrano!

O immortal grotesco ficou gravado nas paginas brilhantes da literatura franceza. A critica para o reduzir, gastou boa prosa e fez um capitulo longo. Passou ao theatro, em verso burilado, communiçou-se ao povo que veio depois do que o idolatrou, e que o idolatraria, si o conhecesse.

Lobo cahiu em carne e osso, não passará á historia, quando cerrar os palpebras, porque não lhe

será permittido esperar pela justiça da critica. A policia e a hygiène, não o deixarão passar das faditicas 24 horas marcadas para nós que morremos nesta zona tropical, neste inferno, neste horrivel calôr que logo apodrece o organismo!

Abaixo, muito abaixo de Cyrano morto está Lobo em vida!

Porque tôda a sua obra não vale mêsmo um verso do imponente grotesco! Cyrano retratou com a sua poesia o genio de um pôvo, o sentir do francêz do seu tempo, o amor romantico que o victimou. Lobo nada retratará, com a sua «Carteira», com os seus «Microbios» e com os «Ensaio» que elle vae fazer já naquella idade, justamente quando se esperava que elle surgisse com um livro de experiencias feito.

Mas... façamos ponto neste ridiculo e consideremos as ultimas tentativas de Lobo

Avançou o infeliz que nos vendiamos e que eramos mau irmão! A' falta de defeza Lobo procura pregar-nos um rabo de palha.

Pedimos-lhe que esclarecesse as suas accusações e apresentasse factos que nos esmagassem: porque isto de dizer mal é facil, cada qual, sem criterio, avança o que bem entende para desmoralisar o inimigo. E quando esperavamos que nos vinha fulminar com factos, o homem muda de rumo, deixando evidente que mais uma vez mentiu, na forma do louvavel costume!

A principio avançou que percebiamos com mil réis, mensaes, nesta tôlha. Agora já acha que engulimos os duzentos mil réis que o Municipio paga pêlas publicações que aqui faz! Avança que o «insultamos» por conta de terceiros; mas o publico sabe que não temos as manhas de Lobo que diversas vêzes o temos repellido, sempre e sempre por conta propria, porque achamos que elle é um prejuizo para o desenvolvimento mental desta terra. Sabe perfeitamente o publico que tôdas as vêzes que elle procura achincalhar quem tem talento e não lhe segue as doutrinas, nós sahimos a embaraçar-lhe a perfidia. Lobo sabe perfeitamente disso, mas quer envolver terceiros que não exis em, e nunca existiram, pois não temos o ha-

bito de fazer bandos para investir contra quem quer que seja.

Atacar de bando e traiçoeiramente é habito dos lobos, dizem os caçadores, e pelo que vemos de quem lhês traz o nome.

Não nos intimidamos, porém, com o bando.

A clava é valente, temos felizmente o pulso rijo, e o ânimo tranquillo, e assim a pancadaria é em partes eguaes distribuida. Contra nós não valem insulto, pode Lobo ficar certo disto! Insultos não attingem homens de brio mas anniquillam moralmente os desrespeitadores da sociedade que usam delles como de instrumentos de vingança.

Lobo inventou hontem mais uma das suas—que um menino do nosso collegio gritava no canto da «Pacotilha» que o ameaçamos de lhe quebrar a cabeça! Si fôra exacto isso não era o caso da intervenção de Lobo, e sim da policia!

Mas é puríssima mentira! Que venha á lume os nomes dos cavalheiros que viram o menino, e o nome do menino! Prove Lobo o que affirmou, sem o que será mais uma mentira .. no oceano!

O «collosso» enraivecido, procura ferir-nos. Multiplica-se em esforços vãos, mas como a serpente da fabula que queria morder a lima, Lobo gasta os dentes na ingente tarefa a que se propôz, e nada absolutamente nada, consegue!

E nós temos ainda tantas coisas para o confundir! Não chegamos na metade das suas velleidades, da suas quêdas, da sua mesquinhez intellectual.

Prouvera Deus que sempre encontrasse-mos quem nos insulte pelos jornaes, porque assim provaramos exhuberantemente ao publico que, (não tomem os leitores tal declaração por falta de modestia) que somos um homem que temos a nossa vida limpa, sem maculas que nos façam baixar de envergonhado a cerviz:

Ah! si muita gente pudesse dizer o mesmo!



XV

Antonio Lobo, é um desses typos que sem preparo e sem cultura sèria, depois de uma mocidade vadia, ociosa, condemnavel até, chegam á velhice, sem um átomo de vida que lhes conforte o espirito, estragados da idade, sem que lhes diga a consciencia enfraquecida que trabalhassem para algum fim elevado nesta vida:

Fol, então, que elle viu que era preciso garantir o dia de amanhã e começou a vida de discurseiras, macaqueando Paula Duarte, e produzindo as enjoativas asneiras que felizmente nunca tiveram auditorio, porque as phrases começaram a reproduzir-se, com as mesmas idéas e pensamentos: a mulher maranhense, os annos que elle tinha vivido ao lado do talentoso Aluizio, as saudades que lhe assalteavam a alma, saudades dos que morreram, e mais nada!

Nunca produziu um discurso de peso, nunca defendeu um themasocial qualquer. Nunca defendeu, nunca atacou ninguém com as suas bombas!

Discursos que fazia nas sessões, insultando opposicionistas que lhe chamavam pela imprensa «cão pirente, cabide de empregos, «cão passa bem», e outras bellezas de estylo de que não nos recordamos, eram sempre as mesmas bobagens, eram palavras sem echo, não eram sons, eram ruidos que ali mesmo no recinto onde elle fallava, morriam, sem um applauso, sem uma palma de louvor, porque a sua figura é tão inexpressivel, é tão repugnante que no proprio seio do grupo dominante a que elle por conveniencia propalava que pertencia, a maioria não lhe tinha affecto, por causa de suas maneiras que traduziam a falsidade do character, a insinceridade, o artificio do elogio, requintada arte para enganar, para illudir, visando sempre alcançar propinas, sem as quaes nunca viveu!

Talvez pensem muitos que somos cruel; mas estamos convencidos de que prestamos um serviço á sociedade maranhense. E' nossa convicção que com

estas linhas avisamos os homens de bem que o não conhecem, os incautos, os desprevenidos que amanhã lhe podem cair nas garras selvagens. E não fôra o pouco tempo que dispomos para esta autopsia mais duramos das qualidades moraes que, como se diz hoje, texornam o caracter de Lobo.

Mas!! elle mêsmo se retrata magnificamente. Quiza a Providencia que elle mêsmo, com a sua propria penna se photographasse, se copiasse e se distinguisse para que se não confunda com os homens de elevado critério, com os que são dignos do respeito e da consideração dos homens que se prezam, dos homens de bem.

Lobo, como o leitor não ignora, tem um livro que se chama—A carteira de um neurasthenico—E', como tôdos sabem, no genero, a coisa peor que há no mundo. A Carteira está para um romance como o Corrêa para um poeta.

Falta-lhe a correcção da linguagem apesar de ter soffrido puxavões de mão alheia, falta-lhe fundo, base, thema a desenvolvêr. E' um mistiforio horro-rozo que ninguem pôde lêr sem rir, não do livro, mas do auctor, que se estragou, que se liquidou com a sua publicação.

Pois bem, nesta infelicissima Carteira Antonio Lobo retrata-se de uma maneira clara e precisa. cremos que de tôdo o livro é o unico trêcho que presta, o unico que foi escripto com amôr, porque o homem nelle se descreveu bellissimamente, sem tirar, nem pôr

Os leitores vão vêr o retrato fidellissimo de Lobo por elle mêsmo tirado num dia de desprendimento moral, em horas frias e mortas para a sua falsa vaidade de homem que se quer impôr ao respeito de uma sociedade.

Escreveu Lobo, pag. 7 e 8 da «Carteira»:

«Haverá em todo o vasto mundo do senhor uma coisa mais asquerosa, mais repugnante, mais sarrafaçal e mais imbecil, uma coisa mais em opposição com a sua moral e com os bons principios, do que seja um chapêu de palha?»

«Eu posso perdoar tudo a um homem, a traição, a perfidia, o assassinato, o roubo, a mentira, a pilhagem, tudo enfim que deslustra um caracter e irremissivelmente macula da reputação: .. mas um

chapêu de palha?! Isso nunca, nem que me estole-
lem vivo!»

Um homem que usa um chapêu de palha, e que
o usa habitualmente, às escancaras, á vista de tô-
dos, sem pudôr e sem vexame, é um homem perdi-
do, um homem que nunca mais se reabilitará, no
conceito dos seus semelhantes! Pode partir a con-
quista do vel. d'ouro, pode ir colonisar a Africa
do Sul, pode resolver o problema da navegação aé-
rea, pode enfim perpetrar algumas dessas coisas vio-
lentas e heroicas de que tôdo o mundo pasma: é o
mêsmo que nada».

«Será sempre um homem que usa um chapêu
de palha; isto é: um bandido, um miseravel um si-
carro, um ser indigno da compaixão dos homens e
da misericordia divina...»

«Pois o desgraçado lá estava a pavonear-se com
o seu, como se estivesse a praticar uma boa acção
e que tôdos devesse imitar! E vivia aquelle CANA-
LHA, vivia com nós outros que pagamos imposto e
que acatamos as leis do paiz!»

«Tive impetos de fazer de raio, de correr para
o sujeito, arrancar-lhe da cabeça aquelle chapêu,
espatifa-lo, reduzi-lo a pedaços, piza-lo aos pés e
depois com os meus dedos retezados e curvos, á
semelhança de garras vingadoras de um deus ira-
do, apoderar-me do seu poscôço, daquelle pescôç
gôrdo e reluzente...»

Lobo, como é notorio. presentemente só usa
chapêu de palha! Facil é. pois concluir que Lobo
se declara um respeitabilissimo canalha, um sêr
abjecto, asqueroso e nojento!

E' elle mêsmo quem o diz na sua «Carteira de
um Neurasthénico».

Que seria preciso dizer mais para demonstrar que
Lobo é um sêr inutil, uma excrescencia social?
E' um homem que usa chapêu de palha... e basta!

E temos o grato prazêr de registrar que elle
pela primeira vez foi coerente em sua vida, deu a
psychologia do individuo que usa chapêu de palha,
e depois achou que a justiça por se boa principia
por casa—pôz logo um chapêu de palha na ca-
beça!!

Em tôdo o humano vegetar de Lobo é esta a
única coherencia a notar.

Lobo depois de muitos dias de acurado estudo, depois de profundas reflexões, de repetidas consultas aos mestres da língua que dormem nas suas estantes, appareceu hontem pelas ineditoriaes da «Pacotilha» com uma velha grammatica em punho, a corrigir alguns defeitos que lhe disseram que se acham nas nossas chronicas.

Abandonou o VELHOTE a mania dos quesitos, e coberto de um ridiculo de causar compaixão põe em evidencia a sua já proverbial ignorancia, metten-do os pés pelas mãos em coisas grammaticaes. Foi para gosarmos deste triste espectaculo a que se dá tôdas as vê es que quer corrigir os defeitos alheios que c obrigamos a asnatica corrigenda que hontem o «collesso» p oduziu—para mais uma vez compro-var que a ignorancia é presentemente o synonimo do seu nome.

Lobo escreveu, transcrevendo:

«As vantagens que lhe trouxeram o «sport nautico». O sujeito «sport nautico» está no singular e o verbo «trouxeram» no plural».

De modo que Lobo na sua sacratissima ignorancia considera «AS VANTAGENS QUE NOS TROUXERAM O SPORT NAUTICO»—UMA ORAÇÃO! Já vi-ram os leitores maior disparate de analyse logica? Lobo introduziu ali o—que—sem mais nem menos!

Depois elle faz a seguinte oração—A POUCA TERRA QUE OS OBRIGARAM A BUSCAR!

Nota-se o mesmo erro crasso que na oração antecedente;—lá está o maldicto—que—depois de—A pouca terra—Mas o engraçado é que Lobo para dizer ISSO estudou uma semana!!! E mais estudaria si um amigo o não obrigasse a fazer a corrigenda, affirmando-lhe que não temesse fazê la, pois tinha a certeza de que estavam erradas as phrases!...

E esborrachou-se numa coisa tão simples! Para corrigir dois erros escreveu duas asneiras de modo que, pode-se dizer, que Lobo nada adianta com a insulsa correccão que medrosamente aventurou fazer!

E a terra não se abre para engolir semelhante estatermo!

Agora, a falta de consciencia de Lobo—Entre as innumeradas cretinices que ctamos do seu celebre subsidio encontra-se isto:

«Um facto VEEM».

Eis ahí um caso de sujeito no singular e verbo no plural !...

Lobo não se defendeu da incorrecção syntactica como não se defendeu dos mais disparates que apontamos em sua prosa de aldeia; e sem mais, nos acusa agora de igual senão ! ..

Não fôsse as duas asneiras que elle escreveu pretendo corrigir erros responderíamos que a mesma grammatica que justifica o —UM FACTO VEEM, serviria para nos desculpar !...

Desafia nos Lobo a obter do «extraordinario» Corrêa uma declaração de que não nos corrigiu um soneto !

Lobo com certeza pensa que o publico tomou a serio tal desafio ! Se nós fôramos um ignorante da força de Lobo escreveríamos ao Corrêa, seu tutelado, como já foi nosso, para elle declarar com a inconsciencia que o caracteriza que foi exacto !...

Descance Lobo, que nós não desceremos a tal humilhação ! Seria o mesmo que escrevêr ao Galliza ou ao Frisa, ou peor ainda !

E por hoje basta. Amanhã continuaremos a nossa obra caridosa que a hygiene nos há de pagar um dia.



XVI

Lobo mente com a mesma facilidade como fabrica uma carteira de neurasthenico, ou faz uma salada de microbios. Só para mentir tem Lobo um talento verdadeiramente expontaneo. Confessamo lo com a maxima lealdade, porque gostamos de fazer justiça aos meritos de quem quer que seja.

Gritou que ameaçaramos de mau trato a um alumno. e que apontaria, si quizessemos, dois cavalheiros, que viram o alumno a queixar-se de nós. Respondemos que acceitavamos o desafio e pedimos a Lobo que dêsse os nomes dos cavalheiros mas não se esquecesse dai o do menino.

Lobo, segundo o costume, mudou de rumo.

E de mentiras tão descabelladas não se justifica com facilidade, e o geito é o embusteiro baixar a cerviz, fugindo com o rosto caricato no qual impudicia se desenha, á luz do sol.

Viciado character de homem que o descaro maculou, cahido no chavascal de uma vida arruinada que a cobiça arrastou ao exercicio de meios degradantes, para que a sua sêde de posição se desaltere enfim, Lobo é um desses seres que estreitado pelo circulo de ferro de suas baixezas, lança mão de tôdos os ignobeis recursos que estão ao alcance de seus membros para o fim de se livrar do adversario que lhe aperta a garganta e lhe esbaqueia o costado na esquina, onde elle collocado á vontade atira chufas ao desafecto que pelos seus brios não supporta que garotos mal educados lhe embarguem os passos com desrespeitos proprios de sua má educação.

A tal historia do menino foi, como sabiamos, mais uma mentira do «colosso», que se enfurece porque não gosamos do mesquinho credito que é o apanagio de sua moral.

Passemos adiante:

Lobo volta a occupar-se dos versos do sr. Corrêa de Araujo que elle apregôa como o maior poeta da nova geração maranhense.

Já provamos:

Que o primeiro livro que o sr. Corrêa publicou tem um prefácio nosso!

Que o segundo foi por nós revisto e que a errata dos mais grosseiros disparates que no tal «Evangelho» se notam foi feito por nós. Demos como prova irrefutável o livro de provas que está em nosso poder e que se acha exposto nesta redacção.

Que os versos foram por nós corrigidos e pelo distincto poeta dr. I. Xavier de Carvalho que deu uma carta ao sr. Corrêa, carta que se acha estampada no tal livro de estrêa.

Ficou também provado:

Que sendo o sr. Corrêa um analphabeto, que nem carta de exame primário, feito em Pedreiras, possui, pois que não fez esse exame—não podia, como ainda não pode, corrigir versos de ninguém.

Que nós, não desceríamos da nossa dignidade para sujeitar uma produção nossa a um ignorante da grandeza desse sr. Corrêa, a quem guiamos nos primeiros passos que deu na vida literaria, arranjando-lhe entre innumeradas produções sem valor que trouxe na mala, um livro de versos com que soffriavelmente se pudesse apresentar em publico, como era sua idéa fixa.

Lobo declarou, hontem, que fazer revisão de um livro é coisa SEM IMPORTANCIA e QUE DA' MUITO TRABALHO, sendo estas as causas que levaram o sr. Corrêa a pedir-nos que revíssemos o «Evangelho»!

Supponhamos que seja exacto o que affirma Lobo. Nesta hypothese, porém, sabendo já o sr. Corrêa da nossa incapacidade, devera procurar para tal serviço pessoas de sua confiança, que lhe merecessem algum lisonjeiro conceito intellectual, porque, como sabem todos, quem revê não corrige somente trocas de letras, mas discordancias grammaticas etc., que muitas vezes escapam ao escriptôr, e quem não sabe redigir não sabe rever coisa alguma.

Preciso é que Lobo saiba que revisores de provas não são um Corrêa ou Galliza qualquer; mas rapazes de merecimento, que estejam à altura dos espinhos do officio. Si aqui não há revisores, não

se segue que noutros centros mais adiantadas elles não existam. Já vimos num jornal rapazes de muito mator valôr intellectual que Lobo, feitos revisores!

Lobo que não torne a insultar a classe dos revisores. Poupe-nos ao menos desta vergonha! Esconda nos, por fávôr, esta sua ignorancia!

Mas a verdade é que o tal «Evangelho» quando nos chegou ás mãos já tinha soffrido outras correções, como se pode verificar no livro de provas.

Um dos revisores que foi o sr. Astolpho Marques, que nunca fez versos em sua vida, escreveu até por baixo de uma poesia que lhe é offerecida o seguinte que está assignado pelo proprio punho:

«Ninguém mais manda no meu nome, a não ser eu proprio. Onde foi esse alarve buscar o já banido grupo «ph» para intrometêr no meu nome?! «Ranulfo», «Adôlfo», «Rodôlfo» e, por consequencia, «Astôlfo», nunca tiveram «ph»!

«Invoca um espirito animal!»

Astôlfo MARQUES.

Asim como o sr. Astolpho Marques, com certeza muitos outros.

E' facto que tôdas as corrigendas não fôram para a tal errata. Seria preciso, caso a errata fôse completa fazer um segundo volume, talvez mais volumoso que o primeiro, como brevemente demonstraremos.

O livro já estava prompto impresso, e o typographo, coitado, nada mais podia fazer.

Nisto, porém, nada há que cause admiração. Os versos do sr. Corrêa são corrigidos!

Como dissemos elle nunca estudara. Sem noções de grammatica, desconhecendo que coisa é essa que se chama concordancia, rimando sem saber que o fazia, como poderia elle publicar um livro de versos?

E' claro, é logico, que mãos extranhas passaram e repassaram nos taes versos!

Extranha Lobo que apesar disso ainda sahisse errados?

Não sabe Lobo por experiencia propria, que todo tólo é presumido? Metter na cabeça do sr. Correa de Araujo que depois de um—que—o pronon-

me se colloca antes do verbo, é mais difficil que reconstruir Babylonia. Elle grita logo que lhe não sôa bem no ouvido, e ante esta «poderosa» argumentação, (pois não devemos esquecer que o sr. Corrêa é cabôclo e como tal tem oïças admiraveis), tôdas as razões recuam, estacata, fogem!

O segundo livro sahiu mais errado porque elle confiou no «sabença» de Lobo, a quem se entregou. Prompta a obra; e elle desconfiando que Lobo não lhe corrigira os defeitos, começou a perigrinar com o «Evangelho» de porta em porta! Não tendo confiança na revisão de tanta gente, bateu enfim à nossa porta!

E' esta a verdade que Lobo quer occultar, para salvaguardar a sua individualidade—pança, das vergastadas desta proza solemne.

Outra coisa:

Não dissemos que para fazer versos era preciso saber fran. ôz.

Affirmamos que o sr. Corrêa não tem exame primario e nem cursou um estabelecimento de ensino secundario.

Que o francez, que é corriqueiro, o poeta não sabe traduzir.

Quando taes coisas dissemos, quizemos significar que os grandes poétas não são, não fôram, nem podem sêr, grandes ignorantes! Não é grande poéta que não sabe nada! Neste caso está o sr. Corrêa que tudo desconhecendo, como teremos occasião de provar, não é o poéta que Lobo, por troça, proclama aos povos do Bacanga e do Anil.

E é preciso declarar—não conheciamos o tal Corrêa; entrou-nos elle em casa com a bagaceira debaixo do braço, dizendo nos que eram versos que queria publicar.

Reconhecendo que si elle estudasse poderia sêr alguma coisa neste mundo, ajudamo-lo, apresentamo-lo aos rapazes do nosso conhecimento. Fizemo lo, pela primeira vêz, em sua vida, falar ao publico, e isto se realizou de uma janella deste velho pardi-eiro onde moramos, a 1 de Maio, ao passar um imponente prestito civic de artistas e operarios!

Empu'ramos o sr. Corrêa para a janella e o obrigamos a recita" uma poesia de sua lavra que

lhe aconselhamos que tirasse em «avulsos» para distribuir.

O povo applaudiu, e o sr. Corrêa exultou de contentamento.

Estavamos convencidos de que seria mais tarde um rapaz de valôr; e não fôra a sua obstinação em não querer estudar, a sua teimosia em ficar ignorante, seus versos teriam muita nobreza e lhe valeriam por uma esplendida recommendação. Quem lê o que elle produz, diz logo:—E' pena! Tem talento! Si o cultivasse, pôr-se ia ao lado de Maranhão Sobrinho e talvez dêsse um I Xavier de Carvalho ou Ignacio Raposo!

Eis ahi quem é o sr. Corrêa, intellectual e moralmente. Não acham os leitores que elle tem especialissimaa qualidades? Não acham que elle deve usar como Lobo um chapêu de palha?

O dr. I. Xavier de Carvalho já lhe deu dez cartas. Elle volta e pede outra: ainda não está bôa! Quer o Corrêa que o poeta das «Missas Negras» declare que lhe não corrigiu os versos! Quer a fôrça, que o poeta minta para lhe satisfazêr a vaidade!

O sr. Corrêa depois que se metteu com o «colosso» ficou de muita fôrça e dá um excellente pedaço de prosa epigrammatica.

Assim, a defêza que o mentiroso sr. Antonio Lobo escreveu hontem pelas ineditoriaes da «Pacotilha» não tem valôr algum, e por causa de só escrever mentiras, dia a dia se desmoralisa, dando lugar a que os alumnos do Lyceu o chamem de «Cutiuba ratuino!»

Não sabemos o que quer dizer chamar-se um homem «Cutiuba ratuino», mas nos parece que deve ser uma coisa horrivel!

Terminando a pancadaria de hoje declaramos ao sr. «Cutiuba Ratuino» que por largo tempo colaboramos na «Pacotilha».

O sr. «Cutiuba Ratuino» encontrará na colleção innumeradas produções nossas, e neste caso, o sr. «Cutiuba Ratuino» chamou a «Pacotilha» de pasquim!

E mais:

O sr. «Cutiuba Ratuino», sempre sincero, escreveu por algum tempo no «Maranhão», para se

defender de justas accusações que lhe faziam, e neste caso o sr. "Cutiuba" também escreveu um pasquim!

"A Campanha" foi fundada por Ignacio Raposo, Manoel de Bethencourt e Agostinho Reis, tres intellectuaes que "Cutiuba" engrossou no celeberrimo "Novos Athenienses" dando-lhes bonitos qualificativos, mas que agora tem o cinismo de chamar —pasquineiros!..

(Ah! "Cutiuba Ratuino" onde tens tú a cabeça!

Já não sabes o que dizes, e na faina de nos insultares, insultas os teus próprios amigos; os que, hontem elogiaste, insultas o proprio jornal que te supporta nas ineditoriaes.

Lobo escreve hoje um artigo com pseudonymo —Correa de Araujo.

Segunda feira teremos uma pagina excellente.

P. S.

Como o sr. Corrêa de Araujo não tem nem exame de segunda classe do collegio primario que frequentou, sendo por isso incapaz de redigir qual quer coisa, nada lhe responderemos, e sim a Lobo que è quem redigirá tudo!

E assim, desde já nos compromettemos:

1. A escangalhar o "Evangelho".
2. A esfarelar as bobagens metricas de Lobo.
3. A continuar a autopsia das obras do «colosso».



XVII

Pevimos que a «Pacstilha» de Sabbado nos daria hoje uma pagina excellente, e mais satisfeitos ficamos com a boa leitura que nos proporcionou o «Diario do Maranhão», na sua velhice transformado em praia do Prego ou que melhor nome se lhe dê.

Contenta-se nos o espirito tôdas vêzes que conhecemos que os nossos inimigos publicamente se desmoralisam, descem no conceito publico, obrigados a patentear o pequeno cultivo que têm, os fracos recursos de que podem dispôr, a má educação que lhes lustra o espirito acanhado e pequenino.

Os tristes e nêgros exemplos que nestes dias elle têm dado do que sabem e podem, provam perfeita e cabalmente o que vimos de affirmar.

Incapazes de uma linguagem decente e agradavel; incapazes de uma pilheria saltitante; que lhes nega o espirito um periodo, uma phrase que lhes abone a capacidade de polemista, arrancam brutalmente contra nós, contra este jornal, contra as pessoas que nos consideram; e si bem que não nos atinjam os seus insultos, nem nos pulluam ás infâmias que levantam com uma facilidade propria somente dos que têm l'ingo habito de infamar,—dão um tristissimo espetaculo e mal recommendam lá fóra a imprensa maranhense, digna sem duvida de melhor sorte.

Ao dr. Luiz Carvalho, pouco se lhe dá que a imprensa desça e desmereça do bom nome que gozou outr'ora, porque o redactor do «Diario» não tem interesse algum pelo nosso progresso e desenvolvimento; mas outros deviam velar pela nossa grandeza, e si lhes faltam forças para tanto, deviam ao menos trabalhar no sentido de nos livrar da censura amarga que amanhã nos farão os patricios que tiverem a infelicidade de lêr estas nojentas paginas que Lobo, multiplicando esforços, publica nas ineditoriaes dos supracitados vespertinos.

«Um Moraes immoral» é o titulo do artigo que

Lobo escreveu mandou publicar antes de hontem na «Pacotilha» com o pseudonymo de—Corrêa de Araujo—

E' um artigo longo, sem pé nem cabeça, como tudo que Antonio escreve, recheiado de insultos, saltando aqui e allí umas graçolas insapidas, insossas que ... parecem sapos que de quando em quando furam com a hedionda cabeça a superficie morta de um pantano.

O titulo, como sempre acontece com os trabalhos de Lobo, não justifica o artigo; porque Lobo não cita um acto de immoradidade por nós praticado.

Grita que nos vendemos para desprestigiar de affectos alheios, e não obstante tôdos que nesta terra vivem, sabem perfeitamente que tal affirmacão é mas uma mentira de Lobo. Nunca sustentamos polemicas pessoas na imprensa da terra, nem nunca escrevemos artigos ferindo a familia de quem quer que seja.

Artigos políticos que nos têm sahido da penna têm sido em favôr das nossas opiniões. Ferindo o politico ou o partidario, jamais ferimos o homem, e quanto ao que diz respeito a Lobo, temos-lhe embargado ás ligeirêzas literarias e agora mostrado o seu character de homem publico, character que é aliás, sobejamente conhecido de tôdos pelas innumeras exhibições comicas que Lobo ha feito dos seus principios—variavel negativa de zero ao infinito!

O artigo é uma lastima, nelle só se pode aproveitar um insulto—o pseudonymo de que elle usa!

Magoou nos profundamente o nome de que Antonio se serviu para assignar aquillo. Jamais lhe perdoaremos tão insciente lembrança; e, sem reboço, declaramos, que só assim Antonio conseguiria ferir o nosso amor proprio que fortalece e embreça a alma a tôdos os homens de brios, amor que segundo Rochefoucauld, é o maior dos adula-dôres.

Afôra esta punhalada, que nos vibrou em falso o vingativo Lobo, o artigo é mais um documento condemnadôr da cultura do que quer ser o primeiro intellectual do Norte.

No artigo, os erros se entrelaçam e se bara-

lham, erros de tôdos os matizes, tamanhos e qualidades.

Lobo aproveitou a occasiãe para se elogiari, e tão apressadamente o fez que não apôrrou a linguagem, nem cuidou de bem consultar a... sua rica bibliotheca...

E mais ainda, cego por se vituperiar, insultou o inditoso amigo que lhe emprestou o nome para assignatura.

Escreveu Lobo:

«E Antonio Lobo tem como a raça caucasea a que pertence, as predisposições hereditárias que dão aos povos do occidente o papel superior que desempenham no mundo.

Foi essa raça gloriosa que sonhou e realizou as conquistas mais nobres do Espirito Humano e que fazem a honra, a gloria e o orgulho do homem moderno.»

Refletamos. Lobo com estas phases quer dizer:

Oh! Corrêa de Araujo! caboclinho de Pedreiras, descendente dos «vis tapuias», tú nada és, nada serás, porque não és um branco, porque não pertences a essa raça que faz prodigios no Occidente! Recolhe te, caboclinho de Pedreiras, que nem és um caboclo que saiba lêr, recolhe-te á tua insignificancia, e fica neste ridiculo papel de assignares os pasquins que escrevo!

Camínhemos por partes.

Neste mesmissimo pedaço Lobo escreveu uma das maiores calinadas que tem escripto em toda a sua vida.

Lobo escreveu que pertence a RAÇA CAUCASEA! Que petulancia! que audacia! que respetavel coragem!

Lobo um caucaseo!...

Mas nós estamos no firme proposito de não enveredar pelos maus caminhos. Deixemos em paz a familia de Antonio; a nossa educação não nos permite levantar o véu do passado. Seria mêsmo baixezza nossa ferir uma familia a quem não devemos offensas.

Fica ali a phrase que por si só basta para confundir a vaidade petulante do desditoso velho!!

Um TYPO DA RAÇA CAUCASEA NO MARANHÃO!!!

Mas que infeliz artigo!!!!

Lobo literato, Lobo chefe de uma intelectualidade, diz pela imprensa que só o branco é capaz das grandes empresas! Grita que só os brancos são superiores!

Nega, assim, o "colosso" toda uma história! literária! Nega, na sua inconsciência os extraordinários monumentos da literatura e cultura brasileira!

Negá Andre Rebouças, Tobias Barrêto, Basílio da Gama, Laurindo Rabello, Luiz Gama, Ferreira de Menezes, Carlos Gomes, José Mauricio, José do Patroínio, Gonçalves Dias, Guimarães Passos, João de Deus do Rego, João Gronwell, Aluizio, Americo, Arthur Azevedo, Cruz e Souza, Hemeterio dos Santos, Sergio Martinho, Joaquim F. do Nascimento, Hermenegildo A. da Encarnação, Euclydes da Cunha, Eduardo Ribeiro, Th. Vaz, Jonnas da Silva, José Virissimo, Indio do Brazil, Silvio Roméro, Alves de Miranda e tantissimos outros que não podemos agora enumerar! Mas para achar Lobo bastaria citar Gonçalves Dias, á custa de quem elle tem feito muitos discursos. Lobo terá perdido de tudo a razão? Estará Lobo completamente desequilibrado para escrever que só é superior o "branco"? O Lobo caucaseo estará tomando gosto com a sociedade maranhense, com os homens cultos do nosso meio?

Nem os proprios brancos te louvarão a injustiça!

Há pouco tempo o Instituto Nacional de Musica deu a um negro o primeiro premio de flauta, e logo o mandou aperfeiçoar os seus estudos na Europa.

Onde é que está, pois, a superioridade de raça do que fala Lobo caucaseo? Quem ensinou ao dr. Cutiuba semelhante tolice? Pois se o typo mestiço presentemente em toda a parte tem dado extraordinarios resultados!?

No Brazil, como já vimos, pelos extraordinarios exemplos que atraz deixamos; e na propria Eurapa, cruzam-se a mais e mais as linhagens fidalgas. Já não nos lembramos agora em que livro lemos que a casa d'Austria decahiu porque os seus representantes caprichavam em não cruzar seus typos com outras casas da Europa.

E é preciso que Lobo caucaseo saiba que na propria Europa a raça branca já está profundamente crusada, dando excellentes resultados.

Acha então Lobo caucaseo que a raça branca não tem competidora? Lobo caucaseo ignora por ventura que a raça amarella acabou de demonstrar que é forte e intelligente, sendo o Japonez um dos mais sublimes typos de que se pode orgulhar a raça humana?

LOBO CAUCASEO, general Cutiuba estará por ventura de miolo molle?

Passemos adiante, Lobo escreve:

«... reunidas e amontoadas (as asneiras) humilhariam os Andes, e fariam corar o Hymalaia, chorar de inveja o Corcovado, estremecêr de despeito os sobrados gigantesco de New-York...»

Lobo não sabe, como se vê pelo trêcho acima: o que é gradação: a sua ignorancia é um tonel de danaydes!

Reparem os leitores que depois dos Andes vem o Hymalaia que é a montanha mais alta do globo! E depois do Hymalaia vem o Corcovado!

E depois do Corcovado os sobrados de New-York!

Escreve ainda Lobo, pretendendo ferir nos:

«... como um habitante indolente da Hotentotia, de rosto escuro, de olhos ferozes, de gestos ferinos, vibrando o machado de pedra ou o arco primitivo...»

Em primeiro lugar é preciso que Lobo saiba que o hotentote não tem o «rosto escuro» como o do seu pseudonymo, Corêa de Araujo.

O hotentote tem o rosto pardo amarelado. Em segundo lugar o hotentote não tem esse ar sinistro que lhe dá Lobo, pintando-lhe uns «olhos ferôzes e uns gestos ferinos». Lobo está enganado.

O hotentote, que passa a vida a guardar os seus rebanhos e a cuidar da sua alimentação, é de um sangue frio admiravel e o seu espirito reflectido, dá-lhe um ar de reserva que muito o distingue.

Agora cremos que se os hotentotes soubessem que Lobo caucaseo lhes empresta qualidades que elles não tem, (não duvidamos!) que se enfurecessem e até lhe dessem caça, até lhe tirarem a pelle.

Ainda mais. Lobo principia o seu pasquim de sabbado com estas palavras:

«Nascimento Moraes um pretinho pernóstico e apresentado...»

Ora, si somos preto, não somos hotentote, nem do hotentote temos as qualidades.

Que devemos, pois, concluir?

E' que Lobo confunde Negro com Hotentote!!!...

Ainda mais:

«...o habitante civilizado do occidente.. prompto a brandir uma espada ou a escrever uma canção de amor».

Hom'essa! Só o habitante do occidente é que pode brandir uma espada e escrevêr uma canção de amor?

Lobo, perguntamos de novo, estará doido?

Já não é somente odio aos negros, mas a tôdas as raças, sem excepção feita da do seu pseudonymo! Só elle admite o caucaseo!!...

Mais adiante:

«Como o hotentote, o sr. Moraes tem a barbaria que se revela em sua linguagem, o INSTINCTO SANGUINARIO que explode no seu odio, a cobardia que grita nos seus olhos...»

Que horrôr aos hotentotes!... Quanta mentira em tão poucas phrases!

Em primeiro lugar é preciso que Lobo saiba que a lingua dos hotentotes não é tão barbara assim. Os hotentotes falam dialectos derivados da mesma lingua. A lingua dos hotentotes é admiravel pelo grande numero de articulações singulares. Incontestavelmente mais adiantada que a dos tapuas!

Em segundo lugar diz Lobo que temos INSTINCTOS SANGUINARIOS!

Não nos consta que tentassemos já contra a vida de quem quer que seja, nem que falando, ou pela imprensa ameaçassemos alguém de surra de rêlho crú!

Mas, por outro lado, Lobo mente: os hotentotes são dados á preguiça; á indolencia, á inanición e por isso, não revelam tambem instinctos sanguinarios!... Parece-nos que Lobo confunde os hotentotes com os cafres!...

Ainda mais:

«... todo se baba em atirar pedras a s que sobem».

BABAR-SE UM HOMEM ATIRANDO PEDRAS é coi-

sa que pela primeira vez ouvimos dizer, é phrase tão «vernacula» que escapa a comprehensão de todos.

Ainda mais:

«O proprio sr. Moraes esta della convencido».

ESTA DELLA é, segundo os lexicos, cadeira do estado, alta.

Ainda mais:

«O homenzinho se compentrou muito rapidamente».

A palavra compenetrar por si mêmso indica que o facto que ella exprime não se pode realizar nem rapidamente, quanto mais—muito rapidamente!!!...

O compenetrar é lento, é demo'ado, é o resultado de algum estorço ou trabalho.

Ainda mais.

«Corrigir provas typographicas de versos é corrigir estes ultimos».

Lobo redigiria melhor do modo seguinte:

«Corrir provas typographicas de versos, é corrigi-los».

Ainda mais:

«Junto de Antonio Lobo o Nascimento é como uma vela de carnaúba PERTO de um astro.

Uma vela de carnaúba perto de astro! Como poderá ser tal coisa?

Lobo, si se quizesse engrassar, diria com correção: «Antonio Lobo está para o Nascimento como uma vela de carnaúba para um astro».

«O jornalismo, especialmente o nosso, é hoje o velhaccito de tudo o que de nullo e mediocre anda por este mundo»

Ora, sendo assim, a «Pacotilha» e o «Diario», que fazem a maioria, devem estar bem cheios de sacripantas e malandrins! E' logico! Quem o diz é o proprio Lobo, que deu agora para insultar os seus proprios amigos.

Mais adiante:

«Suas criticas são cheias de arestas (as asneiras)...»

Ter arestas nos olhos, o Caldas explica o que é: n'ó vêr bem, não entender. Mas arestas nas criticas, é uma descoberta do «collosso», que nos apressamos a registar.

Mais adiante:

«nunca o sr. Moraes em nossa literatura poderá conseguir um altar...»

Poderá conseguir, ou conseguirá? Poder, é ter força, elementos, e a acceitar a phrase de Lobo o sr. Moraes tem direito ao altar, faltando-lhe recursos para o obter o que lhe cabe por justiça.

No sentido, porém, empregado por Lobo, deve ser—conseguirá um altar, isto é pedir, procurar meios de obter uma coisa que lhe não é devido.

Ainda mais:

«lampadas de oiro por onde passará a humanidade».

Si tôr assim a humanidade passará no escuro! Que juizo fará Lobo da humanidade? Olhe que a humanidade é... gente muita!

Não há lampadas, que cheguem para a esclarecêr!...

E si nos é permittido perguntar de—que LARGURA será esse «caminho» por onde passará um dia a humanidade?

De passagem, pedimos ao dr. Oscar de Barros, cavalheiro citado por Lobo, com o pseudonymo de Galliza, para dar o nome do menino que ameaçamos, nome do seu pai ou tutor e si possível, a moradia.

Até agora, apesar do muito que nos merêça o dr. Barros, o menino é imaginario!

Lobo, pelo «Diario», enumera umas tolices, que elle dá à guisa de erros. Os leitores já sabem:

Lobo a corrigir erros de grammatica diz asneiras que bradam aos céus.

Ahi vão:

«exclusão NO seu livro...»

Está certo, idiota. A phrase corresponde a exclusão feita no seu livro.

«E repete com medo que».

Está certo. E' permittido fazer-se a elisão da preposição: com medo que, ou com medo de que; do mesmo modo que se diz—bem que, si bem que, posto que e posto etc.

«escreve periodos sem sentidos».

Está certo, Lobo Queremos dizer sem nexo, sem cohesão,

Se dissessemos—sentido—significaria —sem comprehensão cada um de per si.

«Figuramos como auctor».

Está certo. O plural é retórico, é emphático; usa o escritor que quer expressar-se modestamente: Lê, para exemplo fácil e ligeiro, a pastoral do Bispo do Maranhão.

«referencias a este ou aquelle»

Ainda está certo. Lê o que escreveu sobre a ciase um dos mestres da lingua, José de Alencar:—é sempre permittido usar della quando se quer por em destaque uma idéa, uma pessoa ou coisa.

«era apregoado como».

Pedimos a Lobo que mostre o erro da construção. «Advogado aprovisionado».

Está certo. Diz-se perfeitamente, do mesmo modo que se diz apróvisionamento, aprovisionar etc. O «a» é prothetico, e na lingua portugueza muito em uso —alevantar por levantar, etc.

«fanfarras canglorantes...a arrastarem chaves».

Está certo. E' permittido usar o infinito pessoal emphaticamente. Si Lobo quizer dar-lhe-emos exemplos de Castilho e outros.

Em tôdo o caso, é bom que elle leia a grammatica de Pacheco Junior.

O mais do «Diario» são insultos.

Lobo, apesar de saber que não temos livros publicados, desafia-nos a mostrar elogios a nós feitos por homens de valôr !...

Fugindo ao ridiculo de transcrevêr para cá cartas, cartões e elogios de intellectuaes que nos distinguem com a sua amizade, contudo contamos um facto que caracteriza Lobo.

Passou por aqui o brilhante jornalista portuguez e distincto poeta—Alcantara Correia.

Alcantara Carreira vinha em propaganda de livros portuguezes, dos da nova geração de Portugal, e precisava fazer uma conferencia no theatro. Lobo acompanhou-o ainda e applaudiu o môço jornalista, como ninguem.

Satisfeito escrevemos uma chronica sobre a sua conferencia, na secção «Altos e Baixos» que então faziamos na «Imprensa».

Alcantara Carreira embarcou. De Pernambuco, recebemos um exemplar da «Peccadora» bellissimo poemêto de sua lavra de cuja existencia sabiamos pelos elogios da critica.

Abrimmos e encontramos o que se segue, como offerecimento:

«AO illustre litterato Nascimento de Moraes (João Paulo).

Meu amigo.

Estes doze sonêtos que breve apparecerão numa primorosa edição japonesa, acompanhados da tradução franceza (e talvez ingleza) tem sido como raros, comprehendidos e amados; toda a imprensa de Portugal e do Brazil os ergue nos seus escudós. O ultimo foi Henrique Cancio que sobre elle traçou uma longa e adoravel chronica que me fez chorar. Este trabalho não se vende (mesmo por anthitesse ao seu titulo) não se venderá tambem a futura edição, não se offerece a qualquer, mas somente àquelles que o possam profundamente amar, comprehender profundamente.

Você da imprensa maranhense foi o unico (ont of news) na minha meteorica passagem por ahí que estimou e entendeu o meu intuito seja o unico tambem que possua a Peccadora nesse meio literario.

Diga de sua justiça.—Abraços.

Alcantara CARREIRA.

Maison des Bains, Recife, 10 de Março, de 1907.

Escrevemos no «Jornal do Commercio» (mais um PASQUIM!) dirigido pelo dr. Domingos Americo de Carvalho um ensaio critico sobre a Peccadora. Envi-amo-lo ao brilhante jornalista; e não foi pequena a nossa supreza quando recebendo um exemplar do livro «Daquem d'além mar» de Alcantara Carreira, nel- le encontramos o nosso despretencioso trabalho substituindo o do notavel criticista portuguez—Paulo Osorio

E lemos precedendo ao nosso ensaio:

A inserção neste volume da apreciação de Nascimento Moraes ao referido trabalho representa uma homenagem ao brilhante plumitivo maranhense que tão intensamente o procurou vêr».

Cremos que para esmagar Lobo... amanhã continuaremos.



XVIII

Voltou, hontem, Antonio Lobo, com o mesmo pseudonymo de Corrêa de Araujo.

Infeliz quando accusa, ainda mais infeliz é quando se defende. Não logra o «sapientissimo» produzir uma argumentação digna dos applauzos dos homens que sabem lêr, nem da admiração dos espiritos argutos e criteriosos que seguem esta lucta por demais ingloria para quem, na velhice, vê que se lhe esborôa aos pés o castello de suas illusões como dizem os poetas da velha escola.

Não dissemos que corrigíramos os versos do «collossinho» pelo tacto de lhe prefaciар o livro, nem se pode semelhante asserção suspeitar no que escrevemos.

Dissemos que provado estava que taes versos tinham sido sujeitos á nossa correcção, porque o sr. Correa, não tendo feito exame na escola primaria, não tendo cursado um estabelecimento do curso secundario aqui na capital, nem no interior, é, sem tirar nem pôr, um analphabeto, e, nestas condições, não podia ter consciencia do que escrevia, nem certos podiam estar os seus versos. E' claro, é logico, é mathematico que mãos extranhas passaram e re passaram nos seus versos, e essas mãos fôram as nossas e as do distincto poeta dr. I. Xavier de Crrvalho.

Por conseguinte, é falho o argumento com que Lobo pretendeu defender o seu pseudonymo. O que affirmamos é irrefutavel e impõe-se pela clareza da razão a todos os espiritos:—um homem ignorante, que nem tem noção exacta da syllaba grammatical, não sabe metrificar, nem tem comprehensão dos diversos aspectos inherentes, proprios da poesia. Só não comprehenderá o que fica bem explicado quem se quizer fazer de desentendido!

Confessa Antonio Lobo que o «collossinho» bateu á nossa porta para nos implorar protecção, que nos pediu prefaciassemos o seu livro de versos, que nos encontrou numa sala da nossa casa cercado

de amigos e discipulos, e não satélites e adoradores, pois nunca tivemos a mania do «altar».

Perfeitamente bem. Estão confirmados e de modo cabal por Antonio Lobo, o que affirmamos, o que prova que não mentimos.

Quanto ao que Lobo diz do merecimento das nossas polemicas nada temos que ver com isso! São opiniões, e mesmo teria graça, mas muita graça, si Lobo dissesse que fôramos um triumphadôr!

Quanto ao ataque à individualidade literaria de Viriato Correa é mais uma mentira do alforge de Lobo. Nunca nos occupamos do valor intellectual do Viriato com quem mantemos as melhores relações. E si Lobo tem aquella coisa que os homens serios, os homens de bem chamam criterio, citará amanhã o nome do jornal pelo qual nos occupamos do talento do «conteur» dos MINARETES, de modo pouco lijongiro, aggressivo pelo menos.

Já uma vêz dissemos a Lobo que não tememos ameaças, especialmente ridiculas. Aqui estamos, como sempre, impavidos e tranquilllos para receber, a redobrados golpes, o Lobo que nos ousar agredir.

O mais do artigo são tolices que causam nojo e dô, porque Lobo sabendo que o seu pseudonymo Correa não tem defeza, comprehendendo que está pantenteado que o «collossinho» publica livros á custa de corrigendas alheias, «gosa» uns períodos frouxos e bôbos que só significam a pobreza de intelligência, a falta de preparo de quem os escreveu!

Para encurtar razões, Lobo, que na mixórdia a que denominou «Novos Athenienses» publicou um sonêto de nossa lavra, dando-nos como auctor de vibrantes e inspirados versos, declarou hontem que os nossos versos não prestam, sem escapar um sonêto só, por descuido!

O tal «Evangelho» que corrigimos foi publicado em 1906, e nelle se encontra uma poesia que o «collossinho» nos offereceu—Ao Nascimento Moraes

Ora, Lobo, diz hontem, que o poeta comprehendera muitos annos antes de 1906 que nada valiamos e por isso nos desprezara. No entanto, em 1906,

(quatro annos atrás) elle, apesar de certo da nossa nullidade, offerecia-nos poesias e occupava-nos para fazer a corrigenda do seu livro!...

Quanta insinceridade: já nos condemnara o talento, já tínhamos descido da sua «consideração», e elle a occupar-nos, a merecer dos nossos favores!

E Lobo não se peja de vir publicamente dizer que o seu pseudonymo tem a alma tão dene-grida!

E é Lobo que nos vem dizer que o sr. Correa, nos trahia a confiança que nelle depositavamos!

E é Lobo que nos vem dizer que sr. Corrêa de Araujo, a offerecer-nos poesias, a pedir-nos corrigendas para o seu livro, nada mais fazia que procurar illudir a nossa boa fé, suprehendendo-nos como se fôra amigo na nossa intimidade!...

As declarações feitas por Lobo no seu artigo de hontem provam exuberantemente que não são sinceros os offerecimentos, que o sr. Corrêa de Araujo faz dos seus trabalhos o que serve de sobrevivo, a todos que, como nós, foram victimas dos taes offerecimentos!...

Acresce outra circumstancia:—quando o sr. Correa de Araujo frequentar uma casa, mostrando-se amigo gosando da franqueza do lar, deve-se-lhe perguntar—em que character estás aqui? De amigo ou de trahidôr da minha confiança?

Ainda te mereço alguma coisa, e és neste caso um amigo, ou já não valho nada no teu conceito, e deste caso és a perfidia corporificada?

Deixemos este artigo infeliz, lastimavel, denunciador de um mau character, artigo vergonhoso, deprimente de quem o assigna, e consideremos duas pragas—que Lobo estampou na edição especial da «Pacotilha», publicada domingo.

Consideremo-lo, para esquecer as tristissimas phrases do artigo a que «nos vimos de referir».

E' uma reprodução.

Entre outros disparates escreveu o «formidavel»:

«Onde, porém, por que andam exercitadas por agentes incapazes, se puzerem ambas ao salario da ignorancia e da immoralidade, do interesse privado e das paixões, que tristissimos resultados apresen-

tarão atirando, aos punhados para a borborinhante agitação da vida collectiva, cerebros vazios de qualquer noção systematicamente adquirida e onde apenas se movimentam idéas, que a hereditariedade ancestral na sua estrutura anatomica fatalmente lhe gravou mas as sociaes completamente inaptas para a posse util dos seus privilegios e das suas regalias, transformando as liberdades politicas, que lhe couberem em partilha, na mais infrene e na mais perniciosa das demagogias».

Eis ahi um periodo sem pé nem cabeça.

«Na redacção do «Correio da Tarde» pagar-se-á promptamente «avultado» premio a quem der o resto da oração que principia—ONDE POREM».

Pagar-se-á tambem a quem der a oração principal, ou a primeira oração ordenada do ponto.

Affirmamos que o periodo está torto baralhado, confuso. Lobo metteu os pés pelas mãos e mais uma vez demonstrou que não sabe a grammatica da lingua portugueza.

Appellamos especialmente para os professores Domingos Machado e José Augusto Corrêa.

Agora, note-se o seguinte: no artigo, Lobo condemna os maus professores e os maus jornalistas. No artigo, Lobo vergasta os incompetentes, os nullos, os despreparados que estragam as crianças e mal guiam as multidões e as sociedades.

Conclue-se, pois, que Antonio Lobo lavrou a sua propria condemnação!

O infeliz nem teve o necessario cuidado de escrever certo para ao menos se salvaguardar da pecha de mau professor e mau jornalista.

Ainda no mesmo artigo:

«para cogumelos ineptos para quem o solecismo é a maior das virtudes e o bom senso a mais negra e a mais evitavel das pestes».

Eis ahi um pedaço que perfeitamente demonstra a incompetencia de Antonio Lobo, quando se trata do vernaculo.

E' mais um atestado da sua incapacidade de escriptor.

Não ha figura que justifique semelhante phrase—«cogumellos ineptos».

O emprego dos vocabulos em sentido figurado é permittido até certo ponto, aproveitando-se nesse

emprego das qualidades ou attributos do vocabulo que está em jogo.

Ora «cogumello», segundo os lexicos, mais não é preciso citar, pertence á classe das plantas cellulares, ou cryptogamicas, sem eixo de vegetação nem flores etc.

«Inepto», ainda segundo os lexicos, significa inhabil, tolo incapaz, sem aptidão etc.

Assim, que se comprehenderá na phrase—«cogumelos ineptos?» Coisa nenhuma!

Juntem agora o resto—«cogumelos que tem o solecismo como a maior das virtudes! e o bom senso como peste!»

Que cogumelos levados da breca!

Si Lobo quer dar o «cogumelo» como a negação do pensamento, não precisa ajuntar «inepto», que inteiramente destróe a primeira idéa, pois a ineptia suppõe um cerebro!

Mas querem mais erros?

No proprio artigo que Lobo escreveu com o pseudonymo de Correa de Araujo, notam-se dislates grosseirissimos. Enumeremo-los para prova:

«Tinham firmada a sua reputação, em vez de»

Tinham firmado a sua reputação.
Do mêsmo modo que não dizemos—tinham escripta uma carta, e sim—«tinham escripto uma carta», cujo sentido é muito differente da primeira forma do construir.

Escreveu Lobo:

«PERFEITISSIMO imbecil».—Não comprehendemos como o imbecil que, por força do defeito da imbecilidade, é um imperfeito, possa ser... perfeitissimo! «Acabadissimo imbecil» foi o que Lobo quiz dizer, mas não ponde!

Escreveu Lobo:

«UM BOCADINHO DE PACIENCIA».

Quem diz «um bocadinho de paciencia», diz um gole de impaciencia, um trago de intelligencia, uma bochechada de versos, etc.

Escreveu Lobo:

«Destruir a um restinho».—Devera ter escripto:—destruir um restinho

O verbo destruir é transitivo. Pede por isso o objecto directo, o qual não se faz preciso que venha precedido de preposição. Si o objecto directo é,

de força ser proposional quando convem evitar ambiguidade de sentido, ou esclarecer a phrase.

Escreveu Lobo:

ME FUI CONVENCENDO-ME.

Esta asneira fica sem commentarios. Praza Deus que elle hoje diga que foi um engano typographico!

E levando esta corrigenda á minucia ainda encontraremos erros como este:

HOMENSINHO, em lugar de homenzinho.

Ainda si encontram as seguintes asneiras:

Reduziu “á” poeira, em vez de reduziu «a» poeira; MEDO PAVOROSO—que é asneira das asneiras, asneira por excellencia.

Terminando estas tiras de hoje, não podemos deixar de notar que Antonio Lobo repete hoje o que já escreveu hontem: phrases, idéas e pensamentos.

Assim no tal artigo—«Duas pragas»—Lobo escreveu—que é preciso estabelecer um «cordão sanitario» que separe as crianças dos «tentaculos empolgantes».

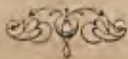
Phrases eguaesse encontram numa chronica que elle escreveu no «Diario», ha muito tempo já, phrases que tivemos occasião de vergastar na “A Patria”.

Outra no mesmo artigo:

“ DECENIO UNIDADE MAIS COMMODA...”

Encontra-se a mesma coisa na chronica do “Diario”, e assim outras phrases que de passagem notamos.

Amanhã, se houver tempo, faremos uma pagina excellente, porque Lobo é um abysmo de futilidades, de erros e disparates. Já no declinio intellectual, já lhe faltando a memoria de que outr’ora tanto se orgulhou, a mais e mais se esquece do pouco que assimilou, e como quem baldo de recursos, de vocabulario, de idéas, repete as mesmas tolices de hontem, eterno realejo de eternas bagaceiras, que lhe farão a gloria, e lhe darão a posteridade: o Fabio de lá, parece, que já lhe estende as mãos para o livrar do inferno que é este delicioso vale lagrimas.



XIX

Antonio Lobo ainda uma vez voltou a occupar as ineditoraes da "Pacotilha", com dois pseudonymos — Galliza e Corrêa de Araujo.

Sem mais recursos, nem para atacar, nem para se defender das acusações que lhe téem sido feitas destas columnas, pois Lobo, com uma provocação insolita a tanto nos obrigou, refugia-se num expediente tão pequeno que provoca a compaixão de todos.

Uma lastima o artigo, uma formidavel quèda, foi como uma scena comica, de grande effeito caricato, representada pelo "collosso"; pelo "collossinho", que lhe empresta o nome para aquellas bazuzeiras e pelo espirito santo dos dois—o impagavel Galliza:

Para representarem pantomimas num circo barato os tres dariam extraordinario resultado, fariam carreira; e o empresario uma fortuna fabulosa.

Entremos na analyse da mixordia, pelo dever que a nós mêmo impomos de dar ao publico que nos lê a maior quantidade possivel de erros, asneiras e contradicções do desditoso velho.

Affirma que escolhemos nas "Haspas de Fogo" as peores produções; e que condemnamos as melhores.

Reflectamos.

Si o pseudonymo de Lobo, o tal Corrêa de Pedreiras, nos deu as poesias para que escolhessemos dentre todas as que deviam ser reunidas num livro, está claro que elle não tinha consciencia do que escrevêra, não sabia mêmo quaes os versos maus!...

Porque, pelo facto de um poeta levar a um amigo o seu livro de versos para o prefaciar, não se segue dahi que lhe dê a escolher as produções que devem sêr publicadas. Jonas da Silva, quando levou os seus versos ao B. Lopes, para o fim de o prefaciar, não lhe deu o direito de marcar os sonetos que deveriam ser riscados!

E assim os mais poétas que o são de verdade.

Quando um escriptor dá a um collega semelhante direito, é porque considera esse collega com a competencia precisa para julgar dos seus trabalhos!..

Logo, está provado que o pseudonymo de Lobo, reconhecia em nós algum saber, ou melhor, não tendo habilitação para nos julgar, porque é, como já dissemos—analphabeto, presentia que muito lhe poderíamos ensinar.

Mas, diz Lobo que o tal Corrêa condescendeu que lhe prefaciassemos o livro!...

Outro absurdo!

Si o tal Corrêa houvera já comprehendido que nada sabiamos, si com a má escolha que fizemos dos seus versos se compenetrara que nada valiamos, como consentir depois que um nullo lhe apresentasse em publico?

Como consentir que o seu livro de estrêa fosse por nós prefaciado?

Não é isto um absurdo, uma historia de onça que Lobo quer impingir, pensando que o publico é ignorante, e que não comprehende que elle mais umavez mentiu?

Outra contradição.

Em artigo anterior Lobo escreveu que o seu pseudonymo perdera a fê conosco quando pela imprensa sustentamos desabuzada polemica contra um amigo do tal pseudonymo! Apesar disso, affirma que começou a desprezar-nos por occasião das «Harpas de Fogo»!!!

Quando Lobo falou verdade? Hontem ou ante-hontem? Quando mentiu?

Aprecie o publico as successivas quedas que Antonio vem dando. Parece que se lhe deslocou a espinha, que uma trave se lhe atravessou na vista, que calos lhe doem nos pés, e dahi os baques que vem tomando na pedregosa estrada que elle mesmo escolheu para trilhar.

Afastou-se completamente do terreno da discussão, porque lhe faltaram elementos para uma polemica seria e cobardemente lançou mão dos recursos deshonestos que usa, para a sua propria vergonha, para o seu desprestigio moral, para a sua completa desmoralisação nesta terra onde c. tinham

ainda como homem de algum valor intellectual, sofrivelmente moralisado.

As contradições em que tem cahido, provam perfeitamente que elle não sabe raciocinar, que não sabe concluir, nem deduzir, e como é assim, verdadeiro pobre de espirito, pensa que o publico de nossa terra, que acompanha avidamente polemicas e controversias, tambem não raciocina, e que elle com as suas «razões de idiota» está no caso de o illudir, como tem illudido a muita gente com as missagas do seu preparo, que elle diz ser grande, si bem que não conseguisse fazer exame de arithmetica no Lyceu Maranhense!...

Diz Lobo que lhe movemos uma campanha odiosa.

Tal affirmação é, sem mais nem menos, mais uma mentira do «collosso».

Sabem todos que não lhe podemos mover campanha de especie alguma. Faltar-nos-iam tempo e dinheiro para sustentar tal companhia; e elle teria esses dois elementos para reagir, pois é do dominio publico a bôa vidoca de «vagabundo empregado» que elle levava até bem pouco tempo nesta cidade, usufruindo bellissimo provento.

O que temos feito é defender-nos dos ataques de Lobo, das perfidias que elle nos arma, da injustiças que elle do alto da sua «grandeza» faz constantemente a todos que lhe não vão beijar a mão, e queimar insenso no seu «altar».

Incapaz de um ataque a peito descoberto, serve-se de um Galliza qualquer para cabeça de turco, e escondido, e de cocóras, insulta, dita, corrige, escreve, mente, infama, calumnia, procurando calar o adversario á força de insultos e doestos que não attingem, que nem de leve nos desagradam, porque felizmente, sobejamente nos conhece a sociedade maranhense, e nós estamos, além disso, com o animo preparado para receber todos os doestos que a «colera leal» de Lobo sobre nós atirar.

Quando respondemos a provocação que Lobo nos fez pela «Pacotilha», comprehendemos logo o que nos estava reservado. Não obstante, era preciso mostrar mais uma vez á sociedade maranhense que Antonio Lobo não tem preparo, que a sua educação só produz fructos podres e flôres nauseabundas.

Era preciso mais uma vez demonstrar que Lobo intellectualmente e moralmente é um liquidado, que deixará nesta vida uma recordação—e tersido, quando moço um excellente decorador; pois sabem todos que os ultimos discursos que tem produzido são documentos que para o sempre condemnaram a sua falsa reputação de tribuno.

Na «Carteira» escreveu, entre infindos erros que o dr. I. Xavier de Carvalho apontou—«acender luz», «pizar aos pês», «insomnia vadia», «sussurro molle», e teve a coragem de dizer que tinha uma banda de musica na barriga !!!!! Foi por essa occasião que o poeta das «Missas Negras» publicou o famoso soneto que principia:

“Um novo caso do Manoel Bexiga !...”

Lobo pôz hontem na boca do Maranhão Sobrinho palavras que elle nunca disse !

E, como o poeta não está aqui, Lobo poderá dizer o que quizer !

Si Maranhão escrever de Belém dizendo que Lobo mente, elle continuará a dizer que o poeta nos insultou numa roda !

Disse, porque disse ! E acabou-se !

Como se vê, Lobo não apresenta documentos escriptos como nós com a nota do Astolpho, com o livro de provas do seu pseudonymo !

Neste sentido, poderimos nós encher uma pagina de anedoctas: B. disse, C. falou, A. affirmou, etc. E si A. B. e C. negassem, diriamos que estavam com medo, mas disseram e disseram !

Só assim argumenta quem se acha fraco e reduzido á mentira e á infamia !

Terminando, uma lição de grammatica, para não nos afastarmos do ponto da discussão.

Escreveu Lobo hontem:

«Porque tudo que o Maranhão tem de notavel... CERCA. O em vez de —“o cerca”».

Escreveu Lobo:

“Porque tudo. “incentiva-o” em vez de —“o incentiva”».

Escreveu Lobo:

“... porque não quero perder tempo lhe ensinando estas coisas comuns .

Donde se conclue que o “colosso” redige assim:

"LHE ensinando estas coisas communs não quero perder tempo .."

Escreveu Lobo:

"o claro príncipe nubio acedeu ao meu pedido".

Esta errado. Si Lobo confessava que o seu pseudonymo nos pediu prefacio, nós não "accedemos", porque só se "accede" a um convite, a uma offerta. Nós consentimos que um prefacio nosso sahisse nas "Harpas". Si Lobo não quizer dizer que nós consentimos, arranje outro verbo, menos o "acceder"!

Escreveu Lobo para o seu pseudonymo:

"Os versos peiores do meu livro, áquelles que "por muito defeituosos" eu "condemnara" a uma reforma completa estavam com a nota de bons e os "verdadeiramente bons" com a nota de maus"!

Duas reflexões: si o poeta condemnara os maus a uma reforma completa, nada tinha que no-los levar para examinar-mosse podiam fazer parte do livro!...

Outra: quem faz versos **VERDADEIRAMENTE BONS** não os faz **MUITO DEFEITUOSOS**!...

Mas si os versos eram muitos defeituosos era porque o poeta não sabia metrificar!...

Accuza-nos Lobo de termos collocado mal um pronome,—que corrigiu nos—e por isso exclama que somos hermeticamente fechado, escandalosamente burro!

Lobo o que quer é de todo liquidar o seu pseudonymo!

No tal "Evangelho" estão as seguintes belezas:

"Onde esbatem-se em vez de—se esbatem (Poes. De Joelhos) "te ajoelha"—em vez de—ajoelha-te— (Poes. D. Bêbê) "TU NASÇA-ME" (horrorozissimo!) (Poesia Evocação) "QUANTO PEZA-ME" em vez de —quanto me peza—(soneto Supplica)—"Que sacco-de me" em vez de—que me sacco-de—(poes. Em uma noite estrellada). "Nunca esgotam-se" em vez de—nunca se esgotam—(poes. A uns namorados) "eu vejo se erguer" em vez de—eu vejo erguer-se— (na poes. Terra da Promissão). "Já não ergue-se" em vez de—já não se ergue—(na mesma poesia) "Eu vejo alguém se erguer" (aínda na mesma poesia) "eu .. concentro-me na altura) em vez de—

me concentro — (na mesma poesia). — «Vê-se apagar»
em vez de — vê apagar-se — (no soneto Amar): — «Ora
infuna-lhe... ora assalta-lhe em vez de — ora lhe in-
funa, ora lhe assalta.

«que nunca uma só vez vingou-se» em vez de —
se vingou.

E... por hoje basta! Bem vê o Antonio Bôbo,
que erra tanto quanto o seu pseudonymo, como te-
mos demonstrado, e a demonstrar continuaremos,
que «hermeticamente fechado, e escandalosamente
burro» é o tal Corrêa!



Afinal Antonio Lobo declarou, sob o pseudonymo de Galliza, que o alumno do nosso collegio, por nós ameaçado de espancamento, é sobrinho do sr. José Barbosa de Andrade.

Effectivamente, ensinamos um sobrinho do sr. José Barbosa de Andrade. O menino chama-se— Othon Abreu.

Lendo a declaração de Lobo, logo nos dirigimos á residencia daquelle senhór, á rua Affonso Penna. Encontramo-lo em companhia de sua exma. familia. Lemos-lhe o trêcho do artigo de Antonio Lobo. Respondeu-nos o sr. José Andrade que podia-mos declarar que o seu sobrinho Othon Abreu em tempo algum, se queixou de maltrato, ou ameaças de esbordoamento, feitas pelo seu professor.

E nós declaramos ao publico:—o menino Othon continúa a cursar as aulas do «Instituto Nascimento Moraes» onde há mais de sessenta alumnos primarios, além do crescido numero de alumnos secundarios; e ádiantamos mais que tivemos hontem a prova eloquente de que a familia Andrade está satisfeita com o ensino do nosso collegio.

Como se vê, Lobo mais uma vez mentiu, mais uma vez faltou a verdade, procurando, pequenino de alma como é, que o nosso collegio fosse attingido pelos salpicos de lama que, agarrado, sacode do pantano onde elle se refastela ditoso e gostosamente.

Incompetente, fraco de recusos de argumentador, não podendo mais insultar, que os adjectivos lhe faltaram, não querendo mais levantar calumnias e infamias, desnorteado, confuso com a nossa calma, com a impassibilidade que juramos ter, para o fim de levarmos ao cabo o nosso trabalho,—mostrar Lobo por todas as faces, mostrar-lhe todas as manhas, do que é capaz e do que é incapaz, lançou-se o homem raivoso contra o nosso collegio, bradando que somos um professor barbaro, que espancamos os nossos alumnos, e para comprovar quiz que o menor Othon nos servisse de algoz!...

—Onde aprende? perguntou o pseudonymo de Lobo.

—No collegio do sr. Moraes, respondeu a creança.

E Lobo bradou, á tarde, mais uma das suas infâmias, pondo na bocca da creança palavras que ella nunca pronunciou!

Ameaçada de espancamento que fosse a creança o sr. José Andrade teria a hombridade bastante para retirar immediatamente o seu sobrinho do collegio onde o professor lhe ameaçava quebrar a cabeça!

Não nos admiramos, porém, que Lobo, taes mentiras escreva; que é velho o uso seu faltar a verdade, como temos exemplificado innumeras vezes. O que é de admirar é que o dr. Oscar Barros se preste a testemunhar factos que nunca se passaram.

Si nós dissemos d'aqui que o dr. Oscar Barros ensina particularmente em sua casa, contra a disposição do Governo; dariamos o nome dos alumnos que estivessem cursando as suas aulas. Não nos animariamos, porém, a fazer uma accusação falsa!

O dr. Oscar Barros que é um illustrado cultor do espiritismo reconsidere o seu acto e faça em publico uma declaração que nos satisfaça. Não queremos fazer do illustre professor de mechanica e astronomia juizo differente desse que temos feito.

Sabemos que o nosso juizo pouco lhe adianta, muda-lo porém, para nós será uma amarissima dissillusão.

Pedimos ao dr. Oscar Barros que venha publicamente dizer porque testemunhou palavras que o menino Othon não disse, conforme nos declarou esto hontem em presença de sua familia!

Queremos pertetamente limpa esta questão: fazer luz intensa sobre ella é do nosso immediato interesse, é do interesse do publico, e do interesse do dr. Oscar Barros!...

Que venha á falla o dr. Oscar Barros!

* *

Publicou Lobo uma carta do distincto poeta dr. I. Xavier de Carvalho, dirigida ao seu pseudonymo —Corrêa de Araujo.

Sabíamos perfeitamente que o dr. I. Xavier de Carvalho não podia deixar de dizer que corrigira os versos do tal Corrêa.

Basta lêr a parte principal da carta. Diz o poeta: «Si—corrigir—significou alterar versos, transformá-los etc., eu não corrigi as «Harpas»

Ora, si soubessemos que o poeta houvera alterado transformado os versos do tal Corrêa, diríamos que o poeta os tinha feito !

Corrigir, no sentido em que empregamos, significa ensinar-lhe o rythmo, a acentuação, a rima, apontar-lhe os erros de concordancia—a falta muitas vezes de nexô entre quartetos, tercetos, apropriar os termos etc. etc.

E a coisa é clara: quem vem do interior sem certificado de exame de segunda classe, quem não frequenta aqui curso nenhum, nem diurno, nem nocturno, quem nunca estudou enfim, poderá fazer versos, mas sem consciencia, sem certeza do que está fazendo. Mãos estranhas hão de passar e re-passar pelos versos do tal poeta. E a prova do que avançamos é que ainda hoje os versos que publicamos são errados, todos errados. Intelligencia para produzir não lhe faltou até bem pouco tempo (o tal Corrêa agora á falta de cultura já vae reproduzindo os mesmos versos, como se pode comparar facilmente) mas preparo passou longe delle leguas e leguas.

Nunca foi nosso proposito atirar para o dominio publico este prefacio que diz respeito ao tal Corrêa. Estava tudo nos bastidôres, mas o pseudonymo de Lobo assim o quiz.

Hoje está no dominio publico como são fabricados os seus versos. Hoje sabem todos que o tal Corrêa é um despreparado, que precisa de lêr a taboada do Santos.

Ha pouco tempo o Lobo foi vaiado na praça publica por causa da falta de preparo do seu pseudonymo.

O tal Corrêa escreveu num papel, na Secretaria do Lyceu:

«Convida se todos os alumnos».

Um rapaz intelligente sabendo que «se» nesta phase não era sujeito, e sim particula apassivadora do verbo, por baixo escreveu «Convidam se» etc., o que equivale a—são convidados.

E para mais não deu o que Lobo escreveu hontem.

Para não perdemos o habito, uma nota sobre a grammatica de Lobo:

Escreveu, hontem, o «collosso»:

«Por ella (a carta) se vê que o illustre poëta oppõe um cathgorico desmentido ao sr. Nascimento Moraes, quando este há dias affirmou que havia corrigido os meus versos».

Quem que havia corrigido os versos? O sr. Nascimento ou o poëta?

Sabemos que ambos corrigiram; mas, segundo escreveu Lobo, não se sabe o sujeito da clausula substantiva objectiva directa — que havia corrigido os meus versos, — porque «elle» occulto tanto se pode referir ao dr. I. Xavier de Carvalho como ao Nascimento Moraes.

Um pedaço de nada não podia passar sem uma asneira!

Enfim, Lobo e pseudonymo repousarão brevemente.



Defenda-se!

Outra vêz publicamos o trêcho do artigo de Antonio Lobo, trêcho que submettemos à analyse dos competentes.

Antonio Lobo se quizer aproveitar a occasião para dar mais um triste testemunho do seu «saber», pelas columnas dos jornaes de que dispõe faça a analyse do periodo que escreveu, prove que está certo, que é vernaculo, que se justifica à luz da grammatica.

Ei-lo:

«Onde, porém, por que andam exercitadas por agentes incapazes, se puzerem ambas ao salario da ignorancia e da immoralidade, do interesse privado e das paixões pessoaes, que tristissimos resultados apresentarão, atirando aos punhados para a borbo-rinhante agitação da vida collectiva, cerebros vãos de qualquer noção systematicamente adquirida e onde apenas movimentam idéas, que a hereditari-idade ancestral, na sua estrutura anatomica fatal-mente lhe gravou mas as sociaes completamente inaptas para a posse útil dos seus privilégios e das suas regalias, transformando as liberdades politi-cas, que lhe couberem em partilha na mais infrene e na mais perniciososa das demagogias».

Defenda-se!! Si é capaz, esmague esta accusa-ção terrivel que lhe peza aos hombros! Esmague-a! Abandone, por um momento, o mau terreno em que pisa—de insultos e ameaças!

Abandone-o, e levante, ouzada, a fronte, onde di-ziam que brilhava o sol de uma illustração formi-davel!

—Livre-se das risadas dos negros a quem voce vota um odio profundo! Livre-se das risadas dos homens brancos e educados que já vêm compadeci-dos da sua achatada figura intellectual!

Defenda-se!



